

MESTRADO INTEGRADO  
ARQUITECTURA

# Projeto de uma Casa de Férias em Ofir

Ato Experimental

Paulo Filipe Coutinho Lopes

M

2021



# Projeto de uma Casa de Férias em Ofir

Ato Experimental

**Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura**

de Paulo Filipe Coutinho Lopes

Apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto  
sob orientação do Prof. Doutor Luis Soares Carneiro

2021



Ao Professor Luis Soares Carneiro,  
aos meus amigos,  
á minha familia,

**OBRIGADO**



O termo vilegiatura já é conhecido desde épocas antigas. Se, inicialmente, o ato de ir de férias era praticado por questões terapêuticas, agora, é para criar uma rotura na vida quotidiana. Por isso, a intenção deste ensaio foi estudar como a arquitetura pode proporcionar este hábito.

Num primeiro momento do ensaio, procurou-se entender o significado da palavra vilegiatura, estando esta associada a um hábito já praticado há muitos anos. Na sequência, surge um breve entendimento sobre o que é uma casa de férias – segunda habitação. De seguida, ao analisar algumas estâncias, percebem-se os fatores pelos quais estas evoluíram. Após esse entendimento, analisou-se o local, onde mais à frente aparecerá uma proposta de uma casa de férias.

Num segundo momento, investigaram-se várias referências arquitetónicas que auxiliaram o desenvolvimento da proposta. Este estudo reflete soluções que vão de encontro ao que se pretende realizar a seguir, nomeadamente, que consigam apoiar o pensamento implícito na proposta.

Por último, elaborou-se uma proposta para a zona de Ofir. Tirando partido dos casos de referência acima estudados, foram aplicados os pontos de interesse de cada casa no projeto. Através desse estudo e com a elaboração do projeto, procurou-se responder de modo eficaz e assertivo às necessidades que o tema coloca.



# Abstract

The term *vilegiatura* has been known since old times. If, initially, the act of going on vacation was made for therapeutic reasons, now, is to create a break in everyday life. That is why, the intention of this essay was to study how architecture can provide this habit.

In a first moment of this essay, it tried to understand the meaning of the word *vilegiatura*, as being associated with an old habit. In sequence, a brief understanding of what is a vacation home emerges – second home. Afterwards, by analyzing some resorts, the reasons by which they evolved were understood. After this understanding, the location where later will appear a proposal for vacation home, was analyzed.

In a second moment, were studied several architectural references that helped the development of the proposal. That study reflects solutions that go towards what is intended to be done next, namely, that can support the implicit thinking in the proposal.

Finally, a proposal for Ofir was made. Taking advantage from the reference cases studied above, some points of interest were applied in the project. Through this study and with the elaboration of the project, it was intended to respond effectively and assertively to the needs that the theme brings.





# Índice

Agradecimentos.....	iii
Resumo.....	v
Abstract.....	vii
Índice.....	ix
<b>1. Introdução.....</b>	<b>1</b>
<b>2. Vilegiatura.....</b>	<b>5</b>
<b>2.1. Reconhecimento de uma Ideia.....</b>	<b>7</b>
2.1.1. Vilegiatura.....	7
2.1.2. Segunda Habitação - Casa de Férias.....	8
2.1.3. Aparecimento de um Hábito.....	10
<b>2.2. Esposende.....</b>	<b>15</b>
2.2.1. O Território.....	19
2.2.2. Ofir.....	21
2.2.3. O Plano.....	22
<b>2.3. Casos de Referência.....</b>	<b>25</b>
2.3.1. Casa de Ofir, Fernando Távora.....	27
2.3.1.1. A Reter.....	33
2.3.2. Casa Alves Costa, Álvaro Siza Vieira.....	37
2.3.2.1. A Reter.....	43
2.3.3. Vill'Alcina, Sérgio Fernandez.....	45
2.3.3.1. A Reter.....	49
2.3.4. Casa Pinto de Sousa, Alcino Soutinho.....	51
2.3.4.1. A Reter.....	57
2.3.5. Casa de Ofir, Cristina Guedes e José Fernando Gonçalves.....	59
2.3.5.1. A Reter.....	61
2.3.6. Casa de Afife, Nuno Brandão Costa.....	63
<b>3. Exercício de projeto - Casa do Pinhal.....</b>	<b>65</b>
3.1. Implantação e Volumetria.....	69
3.2. Individualidades.....	71
<b>4. Conclusão.....</b>	<b>79</b>
<b>6. Índice de Imagens.....</b>	<b>83</b>
<b>7. Bibliografia.....</b>	<b>87</b>
<b>7. Anexos.....</b>	<b>91</b>



# 1. Introdução



O aparecimento do termo vilegiatura ganhou força durante o período contemporâneo, apesar deste hábito já ter sido conhecido desde as épocas antigas. Como grandes impulsionadoras na sua divulgação, as elites britânicas deram a conhecer os vários tipos de vilegiatura (na praia, nas termas e na montanha).

Dos vários tipos de vilegiatura existente, a marítima é a mais requisitada. Este aumento deve-se pelo facto da comunidade médica aconselhar os banhos de mar para fins terapêuticos.

As áreas, que até então eram escolhidas para estes hábitos e que albergavam uma percentagem reduzida da população, viram-se obrigadas a expandir em consequência da maior afluência de pessoas. Face às necessidades de conseguir responder às novas exigências, as novas estâncias tiveram de adquirir novos equipamentos ligados á cultura e ao lazer. Através de planos urbanísticos, foi possível ampliar essas estâncias com o controlo necessário para não se perder as características principais do local. Com isto, por toda a Europa, começaram a aparecer locais destinados á vilegiatura relativamente próximos das grandes cidades.

Portugal, tirando partido da sua extensão costeira, também desenvolveu pontualmente estas zonas que já eram escolhidas para férias. Também na região de Esposende apareceu uma nova estância ligada ao mar e ao rio, mais propriamente na localidade de Ofir.

Ofir possuía boas características para a prática balnear. Atraía pessoas oriundas das cidades vizinhas como Braga e Guimarães, como também da cidade do Porto. Com a prática de férias em Ofir, conciliava-se o contacto direto entre o campo e a praia. Mas o que realçava na zona de Ofir era a existência do seu pinhal, que permitia uma fuga á vida rotinada. Assim as pessoas começaram a investir numa segunda habitação para uma rutura da sua vida quotidiana.

Estando situada na zona costeira de Portugal, entre a cidade de Viana do Castelo (a norte) e a cidade da Póvoa de Varzim (a sul). Tem grande relação com a água, dado que a cidade se vira para esse elemento natural. A zona de Ofir também culmina com um fenómeno em que o rio Cávado se encontra com o mar – daí a presença da água ser tão forte na região. Tanto a cidade como a localidade de Ofir caracterizam-se como uma zona de pouca agitação, propícia para quem quer ter descanso. A grande procura pela zona como também o desenvolvimento dos acessos até ela, permitiu o desenvolvimento da área em questão.

Mesmo antes dos anos 60, a zona de Ofir já era eleita local de ócio por parte da burguesia do norte do país. Neste lugar, construía-se a sua segunda habitação como refúgio e quebra da vida rotinada que levavam na cidade. Por estas razões, a motivação de estudar algo que se insira na região de Esposende, e um dos grandes fatores para o seu desenvolvimento.

Como último exercício do curso, pretende-se realizar uma segunda habitação para mim, cujas condições sejam responder a questões levantadas por uma casa de cariz sazonal. Então, neste contexto, sou eu a elaborar o próprio programa para a habitação de modo a criar as necessidades e a dar as respostas às mesmas. Trata-se de um projeto que será desenvolvido com a idealização de que a sua utilidade é pouca, e de períodos muito curtos.

A área de foco para a realização do exercício para a dissertação é enriquecida pela sua localização - encontra-se numa zona muito nobre e calma da cidade, a pouco metros da casa de férias em Ofir, projetada pelo arquiteto Fernando Távora.

De certa forma, a casa de férias tenta acompanhar essa ideia de rutura do quotidiano. Por isso, o ambiente da casa contrasta com o habitual, aproximando o habitante a novas experiências que no mundo urbano está desprovido. A aproximação à natureza é o que mais se destaca neste contexto de vida, libertando o habitante de todos os compromissos, dedicando-se ao tempo de lazer<sup>1</sup>.

Através deste exercício e de variados autores, procura-se entender o que modificar tanto no tipo de habitação a estudar como no pensamento do arquiteto quando é confrontado com um projeto de uma casa de férias. Pretende-se criar um ambiente que rompa com o que atualmente nos agarra á vida quotidiana, possibilitando uma maior interação com a natureza. A procura do outro lado sensorial é um dos objetivos que se pretende no projeto. Através da investigação, procura-se alcançar uma proposta de casa de férias, carecendo do estudo de casos concretos na zona de Ofir como também por casas doutras regiões do país que vão de encontro com o pretendido.

Com o salientar dos pontos de interesse de cada caso de referência, procura-se agrupar todos os temas de desenho ensaiados numa só habitação. Uma proposta que visa estar evidente o gosto pessoal, realçado pelas referências necessárias a ter para a sua realização.

---

<sup>1</sup> *"Liberta enfim da disciplina que o trabalho produtivo impõe, refere-se ao dolce fare niente, a um tempo de lazer merecido e não manchado por considerações puritanas sobre o ócio."* - COSTA, Alexandre Alves, *Só nós e santa Tecla: a casa de caminha de Sérgio Fernandez*, 2008, página 30.

## 2. Vilegiatura





## 2.1. Reconhecimento de uma Ideia

### 2.1.1. Vilegiatura

*“Comme toute «histoire», celle de la colonisation du littoral a trouvé un commencement, un lieu à partir duquel il était possible de raconter dans un récit continu, l’implantation puis la construction des nouvelles villes de bains”<sup>2</sup>*

Antes de abordar o tema propriamente dito, temos de entender o significado de vilegiatura. Vem do Italiano VILLEGGIATURA, de VILLEGIARE, “passar férias no campo”, de VILLA, “casa de campo”. Este conceito não traduz uma prática de poucos séculos, mas podemos nos atrever a dizer que é tão antigo como a civilização romana. Desde muito cedo, considerou-se como um método terapêutico a temporada fora do lugar habitual de residência, que nos dias atuais já virou uma tendência.

Num primeiro momento, para uma boa compreensão do tema, é preciso saber que já foi escrito acerca do conceito de “Vilegiatura”. Poderemos considerar uma palavra vulgar e ao mesmo tempo invulgar. Pois, inconscientemente sintetizamos-a ou até mesmo a alteramos para termos mais do uso quotidiano, como por exemplo a palavra “férias”. A pesquisa passou por consultar dicionários portugueses<sup>3</sup> ou dicionários virtuais<sup>4</sup>, na qual o significado é praticamente o mesmo, estando uns mais completos do que outros. O significado por eles escrito é de que vilegiatura ou o ato de vilegiaturar é *“temporada que se passa fora de casa em digressão de recreio, principalmente na estação calmosa; tempo de descanso em praia, campo ou estância balnear – temporada que se passa em casa de campo”<sup>5</sup>*. Sendo este significado muito resumido a uma só palavra usada na gíria portuguesa (férias), falta salientar que este tipo de exercício é apropriado a ser usado em todas as épocas do ano (4 estações). A palavra vilegiatura é o termo mais correto para usar em qualquer dia ou mês do ano. No entanto, não se pode confundir com outra palavra, cujo significado quer dizer quase o mesmo, como o “veraneio”.

---

2 ROUILLARD, Dominique, *Le Site Balnéaire*, 1984, página 44.

3 Grande Dicionário da Língua Portuguesa – Cândido de Figueiredo (1991) – *“temporada que pessoas da cidade passam no campo ou em digressão de recreio, na estação calmosa. Digressão recreativa, fora das grandes povoações ou por estações balneares (It. Villegiatura)”*. Dicionário etimológico da Língua Portuguesa – *“temporada que se passa numa casa de campo”*.

4 Priberam – *“passar uma temporada fora da zona de habitação habitual, a banhos, no campo ou viajando, para descansar dos trabalhos habituais”* (consultado em 31-11-2020).

5 Dicionário da Língua Portuguesa – 6ª edição.

A expressão “veraneio” tem um significado parecido ao de vilegiatura, só que se restringe a uma só estação do ano, o verão, sendo incorreto usá-la fora do seu contexto. Nos dicionários consultados, são muito breves na sua definição: “*acto de veranear*” – “*veranear – viajar ou permanecer algures no verão, para cura ou distração*”<sup>6</sup>.

Então, podemos concluir que o ato de vilegiaturar tem a força de movimentar pessoas para fora da sua residência principal, para fora dos seus trabalhos habituais, das suas rotinas em qualquer dia, semana ou mês do ano sem perder a sua valência. Este movimento tem um caráter terapêutico, que permite às pessoas descansarem da pressão colocada no seu dia a dia. Em relação ao local em específico, o termo não elege um, em particular, como por exemplo a praia, ou o campo, ou mesmo a montanha, pois vai depender do que as pessoas pretendem fazer. Existindo vários tipos de vilegiatura, podemos dizer que esta não é temporal, pois são todas diferentes umas das outras oferecendo uma diversidade correspondente a cada uma.

### 2.1.2. Segunda Habitação – Casa de Férias

*“Muitas vezes, estas «casas secundárias» eram objeto do maior cuidado estético e dispêndio de dinheiro, encarando-se a habitação na cidade como uma obrigação política da qual não se espera prazer pessoal.”*<sup>7</sup>

O movimento de ir em vilegiatura requeria que o destino que escolhemos esteja equipado para nos receber, nomeadamente com uma habitação ou algum espaço de abrigo. Essa habitação pode ser a propriedade como da família, amigos ou até mesmo alugada a outros. Neste sentido, teremos de abrir uma discussão acerca do que se entende sobre o tema da segunda habitação e até que ponto pode considerar o conceito de segunda habitação.

A definição de segunda habitação, conforme vários autores, indica uma residência pessoal de caráter temporário. Tem como objetivo, o uso para férias ou de fim de semana, sendo a sua estadia de curta duração geralmente para a prática do ócio. Reforçam o seu conceito com a existência de uma outra residência, intitulada como principal, que os abriga durante todo o ano. A geógrafa Cravidão<sup>8</sup> é

---

6 Idem.

7 Alexandre Alves Costa citado por Maria Milano e Roberto Cremascoli. MILANO, Maria; CRESMASCOLI, Roberto, *A casa de quem faz casas: Alexandre Alves Costa. Os Verdes Anos*, 2016, página 53.

8 Maria Jesus Miranda Montero, em *La segunda residencia en la provincia de Valencia*, fundamenta-se nas referências desta autora.

muito clara no que corresponde à definição de residência secundária, pois esta *“decorre, em primeiro lugar, da existência de uma residência principal”*, e realça o uso deste tipo de habitação nos períodos de *“fins de semana, férias ou outros períodos de ócio, pelo seu proprietário, familiares e amigos”*<sup>9</sup>.

O recurso ao dicionário para entender melhor esta definição foi indispensável. Pois, em Portugal, não existe uma definição concreta acerca do que é uma segunda residência. No entanto, em dicionários estrangeiros, nomeadamente os Franceses e Ingleses, esta definição está mais explícita. Contém variadas definições simples como *“uma casa de férias”*<sup>10</sup> até às definições que relacionam a casa secundária ao lazer, como aos desportos sazonais (praticados na zona). *“la recherche par les citadins bénéficiant d’une habitation temporaire pour les fins de semaine ou pour la pratique de certains sports saisonniers (chasse, sports d’hiver, etc.) a engendré la pratique de la possession d’une résidence secondaire”*<sup>11</sup>. Estas definições também são completadas através dos conceitos de vilegiatura, na qual ambas compartilham de vários pontos em comum. Um dos pontos que também é abordado é a sua localização. Relaciona-se com um sítio rural ou um espaço que se distingue do centro de uma cidade e que obrigue a uma viagem. No THE ENCYCLOPAEDIC DICTIONARY OF PHYSICAL GEOGRAPHY, a definição indica *“propiedad poseida o aquilada (con contrato a largo plazo) por una unidad familiar cuya residencia habitual está en otro lugar. Este tipo de propiedad, normalmente situada en áreas rurales, se utiliza para fines de esparcimiento. Otros términos equivalentes son «chalet de fin de semana» y «casa de vacaciones»*. Estes autores abriram um novo ponto, que são também temos de considerar as casas de aluguer<sup>12</sup>.

Em Portugal, três geógrafas completam a sua definição com esse recurso de aluguer ou empréstimo. CALDEIRA<sup>13</sup> considera que *“todo o alojamento que pertença, ou seja alugado por períodos nunca inferiores a um ano, a um indivíduo, que aí costuma passar fins-de-semana, férias ou outros períodos de tempo, apesar de possuir outra habitação que considera principal”*<sup>14</sup>

SANTOS, com uma explicação mais completa, faz a ponte entre vilegiatura e residência secundária, em que *“todo o alojamento que, não sendo a residência principal do utilizador (ou de outrem, nos casos de arrendamento ou empréstimo) é ocupado por aquele, sua família, em férias, fins-de-semana, ‘pontes’ ou outros tempos livres com funções recreativas ou de lazer. Sê-lo-á ainda independente-*

---

9 Sampaio, Joaquim Oliveira Martins, *A Residência Secundária em Esposende*, 1998, página 32.

10 ROBERT MÉTHODIQUE DU FRANÇAIS ACTUEL, (1990) – “maison de champagne, de vacances”

11 O DICTIONNAIRE DE LA GÉOGRAPHIE

12 Apesar de não ser propriedade do cliente que a alugou, tomamos como nossa no período em que a requisitamos.

13 Mencionada por Maria Jesus Miranda Montero, em *La segunda residencia en la provincia de Valencia*.

14 Sampaio, Joaquim Oliveira Martins, *A Residência Secundária em Esposende*, 1998, página 33.

*mente de ser própria arrendada ou emprestada, da maior ou menos distância à sua residência principal, bem como da proveniência rural ou urbana dos seus utilizadores*<sup>15</sup>. CRAVIDÃO argumenta que *“todas as habitações utilizadas quer em fins-de-semana, férias ou outros períodos de ócio, pelo seu proprietário, familiares e amigos, podendo também ser alugada ao ano”*<sup>16</sup>.

Ana Tostões aborda a definição na sua generalidade, como o fazem nos dicionários, mas complementa-a com uma visão arquitetónica. Pontos como o estilo de habitação, envolvente e vivência da casa são abordados na definição. *“A casa de veraneio ou de fim-de-semana, destinada a pequenas estadias, diferencia-se da vivenda de sentido urbano por não se tratar de uma residência de permanência, por isso com um programa de maior simplicidade ao mesmo tempo que se procura, como objetivo primeiro, a integração na Natureza, valorizando sentido de sítio, genius locci. (...) Procurava-se redescobrir um intimismo vivencial que a arquitetura funcionalista desprezara e uma integração no local com valor de naturalidade ...”*<sup>17</sup>.

### **2.1.3. Aparecimento de um Hábito**

A partir da época contemporânea, foi possível formar o conceito de vilegiatura, tendo adquirido este modo de vida por parte dos romanos. Através dos avanços científicos na medicina e outras áreas e com o rápido crescimento das cidades, tornaram visível estes locais e praticas a um grupo maior de pessoas.

Pioneiras na divulgação das formas como as pessoas podem passar os seus momentos de ócio, as elites britânicas agruparam em três tipos de vilegiaturas. A vilegiatura climática, termal e balnear (marítima) permitiram mostrar diferentes modelos de lazer durante todo o ano, em diferentes partes do território.

Dos vários locais destinados ao descanso – campo, montanha, mar – a estação predileta para as férias das grandes massas era nos meses de verão, tornando as temporadas de banhos de mar algo quase obrigatório. A grande procura da vilegiatura marítima obrigou a que as pequenas localidades escolhidas para a sua prática se expandissem. A procura por regiões marítimas originou pequenos núcleos, que mais tardes e com o seu grande desenvolvimento, foram consideradas como cidades. Embora fossem nomeadas como cidade, estas não são comparáveis com os grandes centros urbanos, pois ainda mantêm a lógica para o qual foram criadas. O modelo de vilegiatura balnear marítima teve um gran-

---

15 Idem, Ibidem.

16 Idem, Ibidem.

17 TOSTÕES, Ana, *Os Verde Anos na Arquitetura Portuguesa dos anos 50*, 1997, página 66.

de impacto na sociedade, pois *“os médicos começavam, então, a recomendar a água salgada como meio de cura para algumas doenças, mudando a atitude dos seus contemporâneos em relação ao mar”*<sup>18</sup>.

A deslocação para sítios longe das grandes urbes começou muito por motivos terapêuticos, na qual as pessoas elegiam espaços de cariz rural ou marítimo. Essas condições proporcionaram rituais sociais que marcaram muito a época contemporânea. Tendo sido as elites em Inglaterra os impulsionadores desses novos hábitos a partir do início do século XVIII, a ação trouxe importantes efeitos ao longo dos anos até à atualidade. Esses efeitos começaram a ser visíveis a partir do momento em que iniciaram a colonização de várias partes desertas ao longo da costa, ou mesmo locais já determinados pelas elites, onde provocou o desenvolvimento de novas pequenas “cidades”. Esses locais, inicialmente, só ofereciam o necessário para a existência de pessoas na zona, não transportando todo o “ruído” de construção existente nos grandes centros urbanos.

As expansões destes hábitos permitiram que cada parte do território europeu se adaptasse à maneira como viam a moda dos banhos. Com isto, deixou de ser um motivo para fins terapêuticos e passou para algo que sobrevalorizasse o culto do corpo. *“A partir da década de vinte do nosso século, com o início da moda de facto de banho curto, os corpos na praia começam progressivamente a desnudar-se. O ‘olhar’ os corpos dos outros e o ser ‘olhado’ transforma-se num dos rituais mais importantes dos modelos de elaboração corporal na praia. O contacto do sol com a pele valoriza-se e o ‘bronzado’ transforma-se num sinal de distinção. A técnica corporal do ‘não fazer nada’, como sinal de lazer ostentatório (...) é agora construído por um abandono do corpo à ação dos raios solares”*.<sup>19</sup>

As novas estâncias procuraram harmonizar, não alterando muito o sítio, a natureza que os envolve com a melhor posição/melhor enquadramento para a paisagem à sua frente. Este aproveitamento visual torna o lugar um pouco cénico explorando sensações que, a partida, não conseguiriam obter no seu dia a dia e na habitação de uso permanente. *“O período do romantismo que o liberalismo potenciou vai consolidar a explosão do lazer. Comer, beber, dançar, praticar desportos entrega-se ao amor físico, todas as formas de relaxamento tinham uma aura especial de festividade, numa paisagem verdejante e ensolarada, dando cumprimento ao ideário romântico”*<sup>20</sup>. Este carácter cénico veio originar uma organização territorial que não constitui uma forma convencional ao que se fazia nas grandes urbes. As habitações vão estar dispersas pelo território, oferecendo uma maior privacidade ao seu proprietário. *“..., esta ordem romântica volta a colocar em plano de destaque o natural pela fuga à regularidade precedente destacando o informal, o accidental, o selvagem... Esta nova postura reflecte-se no urbanismo*

---

18 BRIZ, Maria da Graça Fernandes Pestana dos Santos Gonzalez, *A Vilegiatura Marítima em Portugal - 1870-1970: Sociedade, Arquitetura e Urbanismo*, 2004, página 19.

19 MACHADO, Helena Cristina Ferreira, *A Construção Social da Praia*, 1996, página 127.

20 MARTINS, Luís Paulo Saldanha, *Lazer, Férias e Turismo na Organização do Espaço Noroeste de Portugal*, 1993, página 58.

*e as residências readquirem o direito de ser construídas, dispersas, com espaço de permeio, num parque entre fontes, lagos e arvoredos.*<sup>21</sup>

Com a grande afluência das pessoas começou, então, a aparecer edifícios ligados à cultura e ao lazer como por exemplo bibliotecas, teatros e casinos. A abertura de longas avenidas e marginais são tidas em conta na hora do planeamento da “nova estância”. Com esta enorme evolução da estância, o plano urbanístico rege-se muito em detrimento da ligação com o mar. A interação entre o mar e o edifício é um tema de desenho muito forte nestas cidades que se destinam praticamente ao ócio. Juntamente com este ponto, também é de realçar a vivência ao ar livre com a prática de desporto, muito deles sazonais ou meteorológicos, ligados a região presente (sobretudo desportos aquáticos). Para isto, são pensados espaços verdes como parques e jardins, contrapondo muitos dos grandes centros urbanos que não usufruem destes mesmos lugares com muita facilidade.

Com a evolução deste tipo de cidade, a arquitetura privada foi mais valorizada. Começou-se a edificar habitações unifamiliares com jardins adjacentes. As estâncias existentes como as novas adotaram um estilo influenciado pelas práticas inglesas. Desde o início do século XIX, vão-se construindo cada vez mais residências privadas com jardins incorporados (ideia de terreno ao ar livre privado), que, de certa forma, individualizam o lugar, mas sempre inspiradas num “estilo inglês” transcendendo o gosto pelo romântico (apelo aos sentimentos e emoções). Estas construções tornaram-se a segunda casa dos próprios proprietários que as frequentavam sazonalmente ou a alugavam para a prática da vilegiatura.

Essa inspiração inglesa também se traduz num erguer de edifícios grandiosos e emblemáticos como casinos, hotéis, teatros e mesmo quadras para a prática de desporto. Todos estes equipamentos tinham como objetivo final servir o “turista”. Tal como nos primórdios destas cidades, o desenvolvimento urbano destes novos “centros” foi algo que tiveram em consideração.

“L’image de départ ne procède pas d’une représentation ville unique, et n’est pas non plus un projet de ville idéale, programmée. Elle ne s’élabore que sur des fragments construits, et sur d’autres de l’idéologie urbanistique régnante. Elle rassemble des morceaux épars de France et de l’étranger, de la montagne e de la mer, de la ville et de la campagne, et des éléments d’idéologies, sur le monde moderne, aristocratique, de la villégiature, des voyages, de l’exotisme, etc... C’est l’image synthétique, d’une ville imaginaire faite de mots, de noms, de tracés, de silhouettes, de couleurs, de “styles”, mais aussi de gestes, de rythmes et de rites de la vie du curiste”<sup>22</sup>. Para além da vilegiatura marítima estar muito relacionada a questões terapêuticas, esta era vista mais para o divertimento e lazer. Tal como

---

21 Idem, *Ibidem*.

22 ROUILLARD, Dominique, *Le Site Balnéaire*, 1984, página 16.

em outro tipo de vilegiatura, a marítima também segue um certo tipo de urbanismo. A perspectiva para estas estâncias é a forte ligação ao mar, tirando maior proveito dele. Então, junto à costa, localiza-se todo o tipo de programa de caráter público e de suporte à estância, abrindo assim uma grande área para o convívio e comunicação com o mar. Também são rasgadas várias avenidas, de fácil acesso, em direção à considerada praça principal. Durante esse percurso pela avenida verifica-se o esforço para que todos os elementos por ela composto permitissem um bom deambular. Com isto, as avenidas tornaram-se largas, arborizadas e com uma distribuição harmoniosa do edificado.

Numa primeira abordagem aos novos núcleos balneares, as principais artérias concentravam uma maior densidade de construção podendo-se ramificar para pequenos percursos que distribuam às habitações espalhadas pelo território. Este gesto de liberdade de implantação sem ordenamento aparente, possibilitou às habitações tomarem o melhor enquadramento em relação à paisagem, tornando assim, a casa num objeto singular. Derivado da implantação feita, os espaços naturais rodeassem as habitações garantiam a privacidade desejada pelo habitante.





## 2.2. Esposende

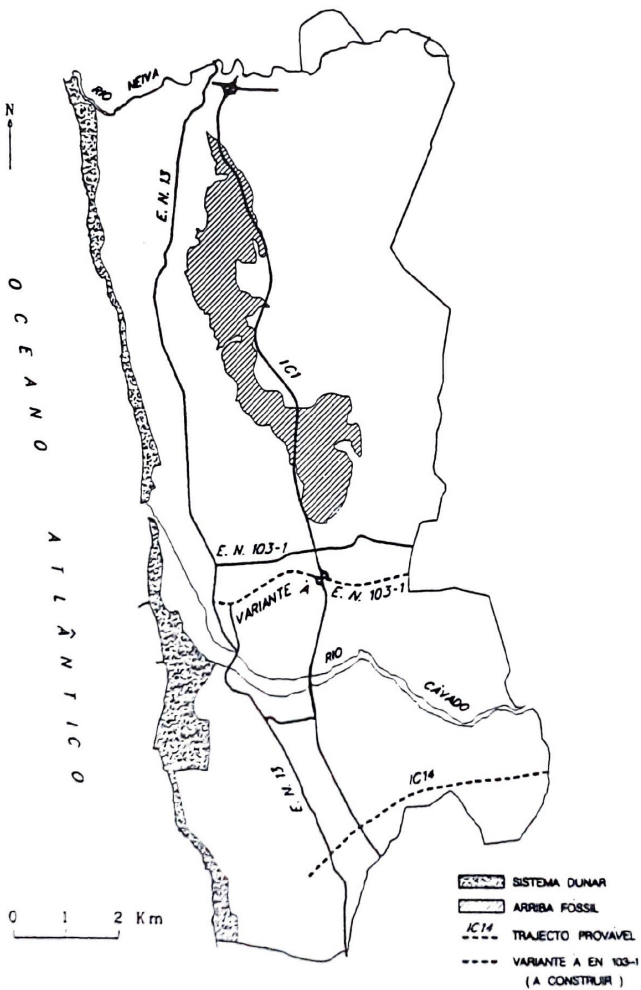


Fig. 1 - PDM de Esposende, Vias de Comunicação Principais.

Esposende localiza-se a norte de Portugal. As suas fronteiras são delimitadas por: a norte pelo concelho de Viana de Castelo, a nascente pelo concelho de Barcelos e a sul pelo concelho da Póvoa de Varzim. A forma da área de Esposende pode comparar-se (muito artística e plasticamente) a um retângulo, que se relaciona na sua maior extensão com o mar. Esta cidade encontra-se numa plataforma plana delimitada entre o mar e o monte Faro. A sua posição geográfica e as suas condições altimétricas permitem a existência de características paisagísticas particulares na zona, sendo essa uma das justificações para a sua atratividade. Para além da situação geográfica, que permitiu o seu desenvolvimento, esta também beneficiou do rio que a atravessa a sul. É notório, que o seu planeamento urbanístico ficou a dever-se a um ponto muito estratégico e característico - a foz do rio Cávado - que permitiu a subsistência e o desenvolvimento da região. Através do rio, permitiu desenvolver a margem norte do rio, deixando o lado sul para o desenvolvimento da zona de Ofir. O rio introduz uma divisão entre as freguesias de Apúlia e Fão e as freguesias de Esposende (centro) e Marinhas – sendo estas as mais procuradas por novos proprietários e turistas.

Para além da sua posição geográfica e das condições altimétricas, a natureza é também um tópico de atração para as pessoas. Ao longo de toda a sua costa predominam praias e dunas que são consideradas uma área protegida. A zona diferencia-se por conciliar a extensa praia, a foz do rio e o pinhal existente no lado sul do rio.

Já antes dos anos 60, Esposende conseguiu atrair uma grande procura para a prática de vilegiatura. Apesar de não receber as vias de comunicação tradicionais (como o comboio), contém uma via rápida (A28) que permite a ligação ao Porto e ao território espanhol. Esta via é importante, pois possibilitou o fácil acesso da classe burguesa Portuguesa à cidade de Esposende. Para além disso, esta cidade tira partido das estradas nacionais, EN 13 – Viana do Castelo/Porto e a EN 103 – Esposende/Braga, que são estradas de rodagem mais lentas e o interlocutor com as cidades vizinhas como Barcelos, Póvoa de Varzim e Vila do Conde (fig.1). Este aglomerado de estruturas rodoviárias tem proporcionado o desenvolvimento da cidade de Esposende.

As freguesias de Marinhas, Fão (Ofir) e Apúlia contêm as praias com maior procura da região de Esposende. A grande aglomeração nestas praias deve-se ao facto de os seus acessos terem boas condições, assim como uma fácil e rápida ligação ao centro da cidade.

No que diz respeito às margens do rio Cávado e ao pinhal de Ofir, estes são considerados como Parque Natural. Nas margens do rio, consegue tirar-se proveito da tranquilidade que este proporciona, assim como da possibilidade da prática de desportos aquáticos. Nestas zonas, é possível escapar à “pequena confusão” que se faz sentir junto do centro do município e das praias (em épocas de verão). O pinhal de Ofir foi, e ainda é muito procurado para a prática de vilegiatura, pois contém habitações de cariz secundária, como também “condomínios”

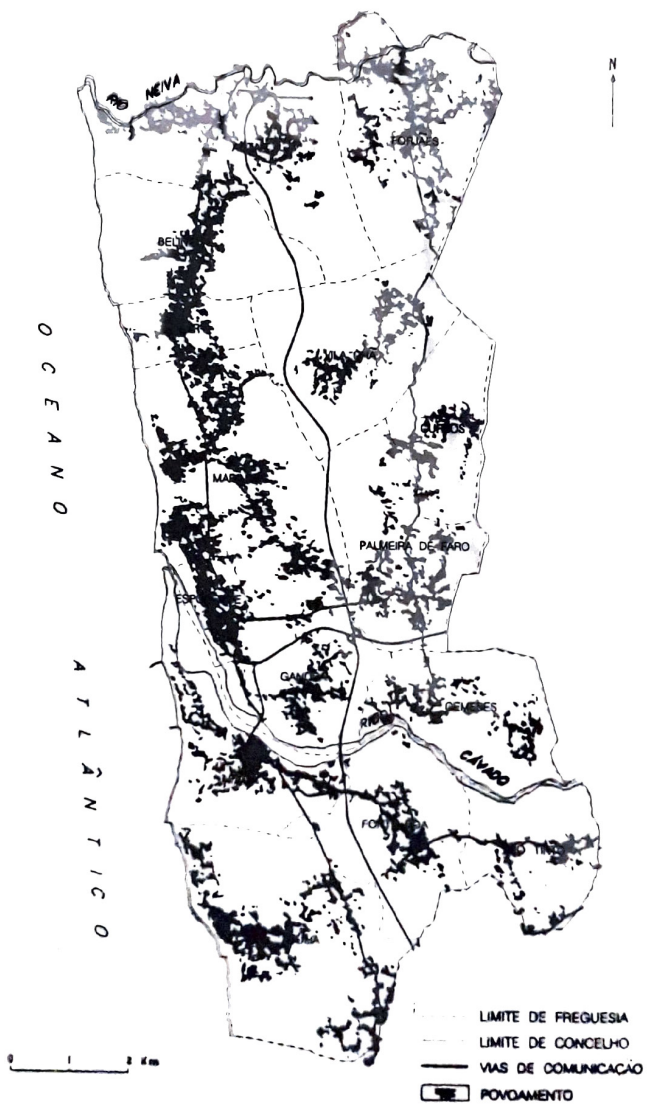


Fig. 2 - Esposende, Mancha Habitacional.

ligados ao aluguer, que oferecem um contexto, de certo modo diferente, daquilo que a maior parte da população está habituada a usufruir. Ofir consegue estabelecer a ligação entre a natureza e o Homem, num período do ano que se destina ao descanso.

### **2.2.1. O Território**

De um modo geral, estas regiões, associadas a acidentes geográficos, desenvolveram-se a partir de um núcleo que permitiu o seu crescimento. Tendo em consideração que estes centros são extremamente habitados, é natural que à medida que nos vamos afastando deles, a densidade populacional vá diminuindo e que surjam construções mais dispersas, sem qualquer ornamento previsto. Normalmente, estas pequenas aglomerações de construção localizam-se junto de grandes eixos de comunicação. Um dos grandes promotores para essa expansão territorial são as imobiliárias que motivadas por questões económicas, procuram lotear zonas consideradas periferia.

Desde os anos 70, Esposende alcançou um crescimento exponencial no seu território. Esse desenvolvimento ficou a dever-se às suas vias de comunicação principais (fig.2), que foram importantes para a dinamização da periferia, mais propriamente para alastrar a malha de construção para outras freguesias. Com este alargamento da cidade seria de esperar que Esposende tivesse uma área equivalente, tanto a norte com a sul. Contudo, isto não ocorreu e muitos foram os fatores que influenciaram esse crescimento “anormal”, deixando a zona sul fora do plano. Como Esposende se encontra junto à margem do rio Cávado, a zona sul da localidade está mais sujeita à instabilidade do nível das águas, gerando um maior receio face à possibilidade de construção. Em contrapartida, a zona norte não carece desses constrangimentos, facilitando o seu desenvolvimento. Além do mais, esta zona apresentava pontos de interesse e de atração mais claros, tal como a zona ribeirinha da cidade, que ligava o centro à foz do rio. Esse privilégio geográfico originou um novo ponto de referência, e como consequência a dispersão de interesses pelo seu território. Nota-se que o centro deixa de ser muito procurado pelos veraneantes, pois os maiores pontos de interesse da cidade encontram-se na sua periferia, como no caso das praias ou foz do rio e também em outras freguesias (numa percentagem muito alargada e com o princípio de que as pessoas de outras cidades procuram a praia em Esposende). O caso de desenvolvimento de Fão (Ofir) e Apúlia ajudam também a esclarecer este ponto de difusão. São pequenos núcleos pulverizados do município.

Nos anos 80, Esposende assistiu a um grande desenvolvimento no que diz respeito à construção. Esse crescimento deu-se, em maior parte, nas freguesias de Apúlia, Fão, Esposende e Marinhas devido à sua localização. Com o grande interesse por estes pontos e com a especulação imobiliárias aí criada, o valor por metro quadrado disparou tornando o custo de aquisição de lotes muito elevado. Na procura por parcelas de terreno mais baratas, a população começou a transformar as áreas destinadas ao cultivo em áreas direcionadas à habitação. Com

esta lógica, muito para além da periferia da urbe, surgem pequenos pontos indicando construções no meio de uma “área deserta” – construção muito dispersa no território. Juntamente com o elevado número de construções que se fazia sentir na época, os supervisores camarários tiveram de adotar uma postura mais passiva na questão do processo de construção do território em geral. No que visa às normas utilizadas, estas não eram aplicadas da mesma forma por todo o território Esposendense. Os agentes manifestavam a sua postura ativa no plano urbanístico quando este correspondia ao centro da cidade e sua periferia mais próxima como também os focos de mais interesse, deixando o resto do território com procedimentos mais passivos.

Anos mais tarde, para uma melhor abordagem e aproveitamento do território e tendo em atenção ao crescimento desordenado na região de Esposende, incorporou-se todas as “pequenas aglomerações” no processo urbanístico. Esta ação permitiu um melhor controlo do crescimento tanto da cidade como também das suas povoações. Com isto, procurou-se, e ainda se procura, melhorar cada vez mais as infraestruturas para além da urbe (aspeto importante para o desenvolvimento da localidade). Também é tido em conta a criação de espaços públicos junto de escolas, igrejas, equipamentos (públicos no geral) para a dinamização das pequenas povoações.

*“A larga maioria da produção de edificação urbana surge na época associada à residência secundária e sazonal. A cidade de Esposende e as freguesias contíguas desde cedo se tornaram áreas muito atrativas para uma classe alta e média das cidades vizinhas, que procuravam adquirir habitação ou propriedade para passar os fins-de-semana e as férias de Verão, ao que os agentes imobiliários e mesmo os particulares procuraram dar resposta, o que gerou especulação e forte valorização do solo, com repercussões a prazo no preço das propriedades”<sup>23</sup>.*

Por volta da década de 90, depois do enorme período de construção, Esposende passou a ter outro comportamento em relação ao assunto da residência. O desenvolvimento da cidade deixa de ser muito de carácter particular e passa a ser mais do âmbito coletivo. De facto, com a necessidade de agrupar um grande número de pessoas numa área muito reduzida, privilegia-se a construção plurifamiliar em detrimento de uma habitação/casa por família a ocupar uma parcela enorme no território. Estas novas construções conseguiram reduzir o valor do metro quadrado, permitindo trazer de novo as pessoas para o centro da cidade. Os fogos empilhados uns nos outros permitiram uma maior libertação de área em torno delas, potenciando espaços de contacto social, espaços verdes.

É evidente que a região mais privilegiada foi a frente marítima ou o espaço com maior relação com a água. Em paralelo com esta ação, existe uma maior oferta

---

23 MEIRA, Silvana Liquito, *A Evolução do Traçado Urbano – Esposende Cidade Expansiva e Consolidada*, 2008, página 101.

de emprego tanto em Esposende como nos dois núcleos associados à cidade (Fão e Apúlia). Com o voltar das pessoas à cidade, propicia uma melhor qualidade de vida, tendo todas as infraestruturas necessárias por perto como também do valor paisagístico que envolvia a cidade. *“Como Esposende oferece condições ambientais de qualidade pouco vulgares no Noroeste Português, bastante cobiçada por uma clientela dos estratos sociais mais favorecidos, o resultado poderá ser a constituição de ‘cintura dourada’ da AMP, com a transformação de residências secundárias em principais, ou a aquisição de residências para este fim, tal como já está a acontecer”.*<sup>24</sup>

A mesma lógica passa-se no pinhal de Ofir. O aproveitamento da construção de habitação plurifamiliar ou em banda com a finalidade de servir as mesmas classes sociais que até ali frequentavam Ofir. Daí, começaram a aparecer moradias de luxo, com espaço em volta partilhado com outras moradias, valorizando a características do lugar, que até ali era muito procurado<sup>25</sup>.

### 2.2.2. Ofir

*“... transformar a Praia de Fão num importante centro de turismo e conservar os valores naturais de sítio...”*<sup>26</sup>

Ofir localiza-se na parte sul do concelho de Esposende. Esta região é rodeada pela água - a nascente pelo rio Cávado e conseqüente a sua foz, a norte, como a poente pelo oceano. Inserida na freguesia de Fão, Ofir é muito conhecido e procurado por pessoas oriundas de muitas partes do território nacional. A sua propaganda começou logo a partir anos 40, tendo sido muito requerida para a prática da vilegiatura marítima. A união entre o pinhal, mar e rio foi o culminar de experiências variadas, potencializando uma região rica em diversas atividades e formas de passar o tempo<sup>27</sup>. A sua situação geográfica transmitia um lugar de repouso para a população, tendo sido este o mote para que pequenos como grandes empreendedores quisessem fazer algum investimento em Ofir. Isso levou a que Ofir fosse objeto de um estudo urbanístico característico das zonas ligadas à prática de vilegiatura.

---

24 SAMPAIO, Joaquim Oliveira Martins, *A Residência Secundária em Esposende*, 1998, página 18.

25 *“De facto, com o passar dos anos, o pinhal foi ocupado por moradias de luxo, maioritariamente isoladas e multifamiliares, destinadas a uma classe com elevado poder económico, numa localização invejável, no seio de uma paisagem com propriedades muito interessantes e com notória qualidade ambiental, muitas das quais até hoje destinadas a uso sazonal”* – MEIRA, Silvana Liquito, *A Evolução do Traçado Urbano – Esposende Cidade Expansiva e Consolidada*, 2008, página 107.

26 BRIZ, Maria da Graça Fernandes Pestana dos Santos Gonzalez, *A Vilegiatura Marítima em Portugal - 1870-1970: Sociedade, Arquitetura e Urbanismo*, 2004, página 345.

27 *“...uma bela temperatura e boa camaradagem, são e agradável, entre os banhistas, contribui(u) (...) para que Fão seja, como de facto é, uma deliciosa estação de repouso”* – Monografia de Fão, Esposende, 1948, página 38.



Pertencendo a uma só entidade, grande parte da área do pinhal de Ofir, a Sociedade Engenheiros Reunidos (1945), cujo objetivo é melhorar as condições da região, encomenda um primeiro plano urbanístico. Embora tenha sido um plano parcial, o pedido para essa organização territorial é feito ao arquiteto Alfredo Ângelo de Magalhães<sup>28</sup>. O plano urbanístico é muito superficial, pois visa implantar equipamentos que ajudem ao desenvolvimento de Ofir, como a construção de um restaurante e um hotel junto da praia. Esse planeamento não tem como vista a abordagem do território todo nem a integração das habitações unifamiliares já presentes, como também as futuras construções. A primeira proposta agarra-se ao que possa atrair mais pessoas como também a programas ligados ao turismo. A partir dos anos seguintes e com o deslocamento em massa das pessoas, as construções começam a aparecer pelo território de Ofir, sem um planeamento previsto. *“Proprietária destes excelentes equipamentos, bem como dos terrenos onde se continuava a construir moradias (venda de lotes), a sociedade parece não se interessar por um plano de desenvolvimento urbano, e até turístico, que lhe possibilitasse um desenvolvimento sustentado.”*<sup>29</sup>

Em 1945, após a apresentação do primeiro plano aos serviços camarários de Esposende, este rejeita a proposta. Passado um ano, os órgãos municipais concordam que a zona de Ofir e Apúlia devem ser alvo de um estudo de planeamento urbanístico. Após a tomada de consciência de que a zona sul do concelho de Esposende necessita de um plano organizativo, é encomendado o projeto a José Miranda de Vasconcelos, e a Câmara de Esposende adota uma postura ativa no estudo. Condições que o plano anteriormente apresentado pela Sociedade como também o existente, se submeteram neste novo projeto – o hotel, a zona de restauração, espaço público como também algumas habitações que já estavam previstas para construção. Ao contrário do plano parcial anterior, este já incorpora a rede viária na qual são aproveitadas todas as ruas e caminhos já feitos, melhorando as suas condições como a aplicação das infraestruturas básicas.

### 2.2.3. O Plano

O plano urbano feito por José Miranda de Vasconcelos não abrangia só a zona de Fão como alcançou a freguesia de Apúlia. Todas as ligações até Ofir e a travessia do rio tiveram um peso importante no plano, alargando-o até ao centro de Esposende. Com este aumento da área de estudo, conseguiu-se estabelecer uma boa comunicação entre estas duas freguesias, criando um percurso que se adequa ao local em que se insere, valorizando o aspeto natural da extensão como o bom acesso. Estando a Câmara de Esposende com uma postura ativa nesta intervenção, esta preserva as áreas agrícolas, que tinham vindo a ser importantes para a região, como também complementá-la com a zona habitacional. Nisto, o planeamento necessitava de estar muito bem estruturado para que se conseguisse

---

28 Licenciou-se em Arquitetura na Escola de Belas Artes do Porto, em 1944.

29 BRIZ, Maria da Graça Fernandes Pestana dos Santos Gonzalez, *A Vilegiatura Marítima em Portugal - 1870-1970: Sociedade, Arquitetura e Urbanismo*, 2004, página 342.

desenvolver a região sem a violentar com o que era proposto.

Na área destinada à habitação de repouso ou à vida social, as construções tendem em resguardar a sua envolvente, fortalecendo o seu valor paisagístico. É neste ponto que plano prevê a conservação de toda a natureza como as dunas ou flora – a vegetação alta deve ser considerada como elemento integrante do projeto, minimizando o derrube destas árvores aquando da implantação de qualquer projeto<sup>30</sup>.

O plano urbanístico também previa a integração do que do existente, hotel e o restaurante, previstos no plano de 1945, como também a proposta de construir mais equipamentos para albergar mais pessoas (outro hotel). Naquela zona, previa-se um casino e espaço dedicados ao desporto (golfe, ténis, ...) para distração dos “habitantes sazonais” que frequentavam Ofir. Num último momento, foram propostas três zonas de comércio que dão apoio tanto aos banhistas como aos habitantes daquela zona.

Depois de revisto, em 1949, o plano urbanístico foi dado como insuficiente, mas *“no entanto, para satisfação das necessidades prementes de orientação do desenvolvimento desta zona turística, definir-se desde já uma primeira fase de realização na qual se poderá dar início à construção dos elementos que primeiramente interessam ao desenvolvimento.”*<sup>31</sup>

Desde os anos 60, uma empresa intitulada de Sofir decide comprar parte de Ofir, incluindo o hotel, e mostra grande interesse numa revisão no planeamento. Com o impasse que o plano está a ter com as autoridades superiores, decidem não vender nenhuma parcela a um particular. Sofir, em muito dos casos, opta por fazer a seu investimento e construírem eles próprios. Paralelamente à revisão do plano urbanístico, que avançava muito devagar, eles preferem manter *“... o carácter desejado pelos seus iniciadores, numa preferência pela dispersão e privacidade, valorizando o sossego e o contacto com a natureza.”*<sup>32</sup>

Contrariamente às estâncias balneares em Portugal, que tinham claras influências do século XIX, com o pulverizar habitações pelo território balnear, Ofir obedece a “regras” do século XX, que se regem a partir dos princípios urbanísticos praticados na época.

---

30 *“procurar que a paisagem do pinhal, que disfruta das dunas, apresente sempre a vista actual, e nunca venha a ser cortada pelo aparecimento de qual quer edifício ou mesmo telhado, procurando-se assim conservar o aspeto duma vasta zona desabitada”* – Memória Descritiva – José Miranda de Vasconcelos, 1946.

31 BRIZ, Maria da Graça Fernandes Pestana dos Santos Gonzalez, *A Vilegiatura Marítima em Portugal - 1870-1970: Sociedade, Arquitetura e Urbanismo*, 2004, página 346.

32 Idem, página 351.



## 2.3. Casos de Referência



Fig. 3 - Pátio principal da Casa de Ofir juntamente com a parte privada e social da Habitação.

### 2.3.1. Casa de Ofir, Fernando Távora

*“A casa Ofir ‘aparece’ em 1956. Não é mais do que outra chaminé entre as luminosas, essenciais construções do litoral minhoto; provoca, nessa naturalidade, um autêntico sobressalto renovador; pouca gente é sensível, na época, ao facto de que utiliza estrutura espacial moderna e nórdica.”<sup>33</sup>*

A casa de Ofir é caracterizada como uma casa de férias cuja encomenda foi feita por Fernando Ribeiro da Silva. O arquiteto desta obra foi Fernando Távora<sup>34</sup>, que desenvolveu e concretizou este projeto entre os anos de 1956 e 1958.

*“No caso presente desta habitação construída no pinhal de Ofir, procurámos, exactamente que ela resultasse num verdadeiro composto e mais do que isso, num composto no qual entrasse em jogo uma infinidade de factores, de valor variável, é certo, mas todos, todos a considerar. Isto é, contra o caso infelizmente normal entre nós de realizar misturas de apenas alguns factores, tentou-se aqui um composto de muitos factores. Não é fácil, por certo, enumerá-los a todos, dada a sua variedade e o seu número, nem é fácil enumerá-los por ordem de importância.”<sup>35</sup>*

A construção no pinhal de Ofir culmina numa união de fatores que são claramente evidentes aos olhos do arquiteto. Aqui procura-se dar mais força e destaque à ideia de que a relação entre o construído e o natural não conseguem descolar (fig.3). A casa de Ofir juntamente com a envolvente presente, e por mais parecido ao que se encontrou quando o terreno era “cru” deve ser pensada e incorporada na conceção de projeto, em que ambas as partes se complementam<sup>36</sup>. Essa integração no sítio deve-se também à utilização dos materiais locais, trazendo para a obra a tradicionalidade, mas imposta através de um pensamento moderno, com um princípio de arquitetura moderna.

*“Marcando essa viragem, ocorrida em meados dos anos 50, sinais de diferente sentido porque ligados aos valores vernáculos, mas também às correntes eruditas, são expressos na casa que projeta em 1957 para Ofir. Nesse extenso pinhal,*

---

33 VIEIRA, Álvaro Siza, *01 Textos*, 2009, página 35.

34 Fernando Luís Cardoso Meneses de Tavares e Távora nasceu no Porto a 25 de agosto de 1923. Frequentou o curso de Arquitetura na Escola de Belas Artes do Porto (1942 – 1947), na qual aquiriu o seu diploma em 1950. Pertenceu o corpo docente daquela Escola em 1951, depois contratado como Segundo-Assistente em 1958. Professor Agregado é, em 1974, convidado para professor, passando à efetividade em 1976.

35 Fernando Távora citado por Luiz Trigueiro – TRIGUEIROS, Luiz, *Fernando Távora*, 1993, página 78-80.

36 *“Mas mesmo nesta base ou dentro desta visão parcial dos fenómenos de organização do espaço, não poderão excluir-se deles quer as formas naturais – e mesmo aquelas que possam considerar-se puras, isto é não tocadas pela mão do homem – quer as relações com as obras humanas, relações tão íntimas, infinitas e inesgotáveis que não é possível saber onde umas acabam e as outras começam.”* – TÁVORA, Fernando, *Da Organização do espaço*, 2006, página 13.

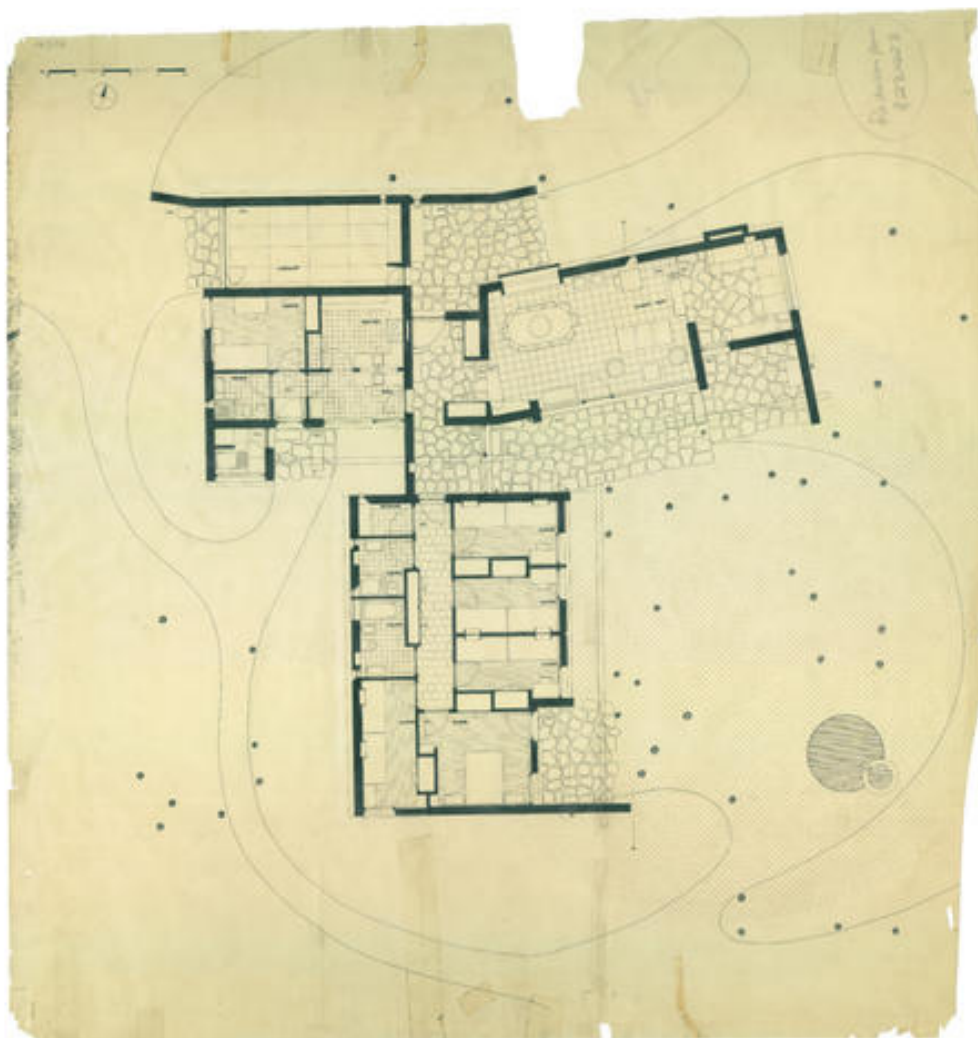


Fig. 4 - Planta da Casa de Ofir, Fernando Távora.

*entre o rio Cávado e o mar, esta casa de férias com programa familiar, implanta-se calorosamente agarrada ao terreno, propondo uma simplicidade orgânica na exploração de tranquilidade do espaço, concentrada na relação da construção/paisagem, na articulação de inflexões subtis na sua geometria, na combinação de novas e tradicionais tecnologias e materiais, demonstrando um delicado poder de síntese e de harmonia.”<sup>37</sup>*

A posição da implantação ajuda na organização e distribuição das “tarefas” pelo lote (fig.4). A localização central da casa (no terreno) ajuda a que todas as partes que constituem a casa encontram-se trabalhadas e pensadas de forma igualitária, fazendo todos os alçados parte do projeto. A configuração da implantação em “T” torna a solução muito clara dividindo em três “setores”. Esses elementos conseguem dividir a zona de repouso das zonas de “trabalho”.

Na leitura da implantação, podemos considerar que o corpo principal é composto pela área da sala juntamente com a zona dos quartos. Estas duas zonas estão voltadas para a mesma paisagem, a “praça principal”, deixando no ponto de articulação destes dois corpos, a zona de todos os serviços da casa. A casa de Ofir, é um objeto que consegue ligar a natureza à casa, muito através da sua utilização. Os dois corpos destinados ao repouso estão recuados em relação à sua cobertura, permitindo que a natureza comece a invadir a habitação. A comunicação entre o interior e o exterior é mediado pela cobertura prolongada criando um abrigo exterior que ao mesmo tempo permite controlar a radiação solar que entra na habitação. A área descoberta exterior é um interlocutor entre o interior e o exterior, suavizando essa passagem.

Na casa de Ofir, é perceptível a reunião de vários materiais e elementos que se destacam e realçam a construção. Um dos exemplos é o volume da chaminé que se destaca como um volume independente em relação à parede. A monotonia daquela parede branca e quebrado por um volume de outra cor em relação à parede.<sup>38</sup> A procura de várias formas adquire um sentido cénico que contrasta no mesmo plano. Explorara um lado minimalista que joga de uma forma silenciosa que tende a penetrar na natureza e ligar o natural com o artificial<sup>39</sup>.

Logo na entrada, somos recebidos por um alpendre mais baixo, à escala do habitante<sup>40</sup>. Através do alpendre, temos acesso direto à garagem, afirmando ainda mais aquele espaço como local privilegiado para a entrada principal da casa. Este corpo destinado à garagem e ao alpendre não foram construídos com o mesmo pé direito que o corpo principal. Embora a ilusão de um espaço cujo pé direito não é muito alto seja de aconchego, este remete a uma zona de passagem e/ou

---

37 TOSTÕES, Ana, *Um composto e uma mistura: homenagem a Fernando Távora*, In *Jornal de Arquitetos*, Número 220-221, 2005, página 48.

38 Idem, página 49 - *“A chaminé é tratada como uma peça escultórica que se assume em volume cúbico como elemento significante.”*

39 TOSTÕES, Ana, *Os Verde Anos na Arquitetura Portuguesa dos anos 50*, 1997.

40 Este tipo de entrada já tinha sido estudado na Casa de Chá da Boa Nova, no escritório do arquiteto Fernando Távora juntamente com o arquiteto Álvaro Siza.





Fig. 5 - Sala de estar da Casa de Ofir.

mesmo secundária à casa, mas que mantenha uma ligação visual com o resto da habitação.

Caminhando para o interior da casa, nota-se a preocupação em minimizar os espaços de circulação, sintetizando-o num só corredor que começa na entrada e termina na zona dos quartos, dando também acesso aos espaços principais da casa. Logo no hall de entrada, um objeto nos conduz para a sala, com o objetivo de indicar o caminho a todas as pessoas que entrem nela, como também filtrando o número de pessoas que possam passar para a zona privada.

O espaço interior destinado ao convívio está dividido em duas zonas. A primeira zona, de convívio, caracterizada pela vida social em torno da mesa (fig.5) e também de uma relação maior com o exterior, na qual se encontra o maior vão da casa. Este princípio de projeto procura a paisagem, tirando partido da implantação venerando a vista que exerce sobre o pinhal. Ao mesmo tempo tira proveito da posição solar. A segunda zona, mais recatada no extremo da sala, considera-se como espaço destinado ao fogo, local com uma área inferior à da primeira, com a presença de uma lareira que nos indicia que era um espaço para uso frequente na altura das baixas temperaturas. Também se consegue distinguir as duas zonas através dos seus pavimentos.

O telhado inclinado visível no exterior da casa também é perceptível no seu interior. É exposto, toda a sua estrutura em madeira, no interior, remetendo para a tradicionalidade contrapondo-se com o betão presente na casa.<sup>41</sup>

Os serviços da casa funcionam noutra ponta da casa, mas que auxilia rapidamente a zona da sala. Conseguimos ingressar esta área da casa a partir do hall que também articula para o resto das divisões da casa. Esta zona da casa destinava-se mais ao dia a dia da empregada da família. O espaço destinado aos serviços era composto pela cozinha, o quarto da empregada e uma casa de banho de apoio. A forma para conseguir suavizar a passagem entre o hall e a cozinha, mas ao mesmo tempo para a parte privada da empregada, é conseguida através de um espaço de passagem que ao mesmo tempo serve de copa para apoio da cozinha.

*“Os três corpos são articulados funcionalmente a partir de uma rotula.”<sup>42</sup>* O espaço destinado à circulação da casa serve como articulação entre todos os espaços. Muito evidente na articulação entre o corpo da sala e serviços (contínuo) com o corpo dos quartos. Este volume encontra-se desagrupado do restante. Esse afastamento oferece o distanciamento necessário para a tranquilidade desejada na casa. Sendo o programa da casa para uma família numerosa, justifica-se o número de quartos com o apoio de duas casas de banho. Na compartimentação deste corpo não se assume um quarto suite, mas enaltece-se através de uma maior área, o quarto principal. Tratando-se de uma casa de férias, a lógica de um quarto

---

41 *“os elementos estruturais e construtivos são tratados como peças com autonomia plástica própria: as vigas assumem-se como expressivos lintéis em betão aparente.”* - TOSTÕES, Ana, *Um composto e uma mistura: homenagem a Fernando Távora*, In *Jornal de Arquitetos*, Número 220-221, 2005, página 49.

42 *Idem*, *Ibidem*.



Fig. 6 - Vista da entrada da Casa de Ofir.

principal com casa de banho privada não deve ser problema de projeto, visto que o tempo de permanência é curto e ao mesmo tempo iria-se repetir certas questões que se levantam quando se projeta uma habitação para uso quotidiano.

Importa realçar que apesar de toda a casa tirar proveito da sua envolvente, o corpo privado tem um maior controlo no que respeita a abertura de vãos. Embora estejam contidos em relação ao vão da sala, estes respondem a uma métrica visível tanto em planta como em alçado e harmonizando-se em aspetos linguísticos presentes por toda a casa.

*“Fernando Távora (1923-2005) desenvolve em sua obra o saber construtivo da arquitetura tradicional portuguesa, sugerindo uma arquitetura moderna sabiamente adaptada à paisagem e brilhantemente qualificada por objetos artesanais. Prova disso são o Parque Municipal da Quinta da Conceição (Matosinhos, 1957) e a casa de Ofir (1957-1958). Essa nova sensibilidade é resultado do estudo Arquitetura Popular em Portugal, publicado em três volumes em 1961 e no qual Távora intervém com um espírito racionalista e contemporâneo que busca apreender a funcionalidade, a beleza e o saber técnico da arquitetura popular, sem qualquer nostalgia, anacronismo ou populismo.”<sup>43</sup>*

*“Distinguindo o composto como junção das partes, em que cada elemento mantém intacto o seu carácter e a mistura, entendida como amálgama, miscelânea, desvirtuamento, Távora está a falar na contingência do processo de criação dos dados do programa, do sítio, da vontade do encomendador, da formação do arquiteto e da necessidade imperiosa de síntese como valor disciplinar. E parece-me clara que, naquele momento, Fernando Távora referencia um tema epocal que ele soube afrontar melhor que ninguém e (talvez por isso) resolver com clareza recorrente na sua obra e magistério.”<sup>44</sup>*

### 2.3.1.1. A Reter...

Na casa de Ofir é importante retirar a rápida compreensão dos três setores que a compõem. Através dessa divisão, o arquiteto conseguiu separar a área de trabalho (destinado a uma empregada) da área de lazer e privada. Com essa individualização de cada um deles, simplificou a conexão entre os espaços da casa conseguindo restringir essa circulação a uma pequena área da habitação. Ao mesmo tempo, tornou a leitura espacial mais clara.

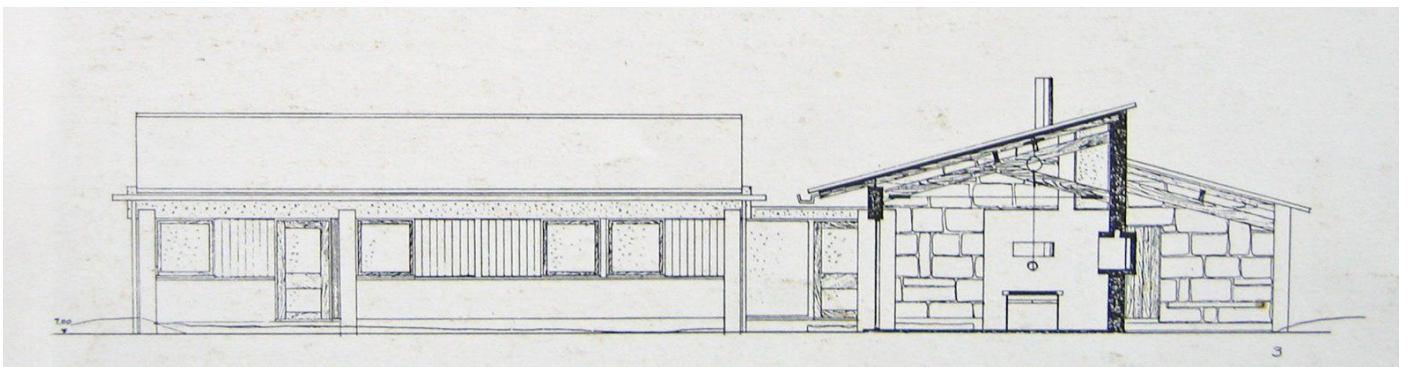
Partindo da entrada do lote, percebemos o grau de privacidade existente na casa. Desde lá e até à porta da casa somos conduzidos por uma parede, totalmente

---

43 MONTANER, Josep Maria, *A modernidade superada*, 2001, páginas 39 e 40.

44 TOSTÕES, Ana, *Um composto e uma mistura: homenagem a Fernando Távora*, In *Jornal de Arquitetos*, número 220-221, 2005, página 48.

Fig. 7 - Corte/Alçado Casa de Ofir.



cega. Esse obstáculo, é a primeira indicação de que estamos a caminhar para algo muito íntimo. Assim que chegamos á porta de entrada da casa, ergue-se uma cobertura, cujo pé direito não é muito elevado, dando o primeiro sinal de abrigo e de que já permanecemos dentro da habitação.

Nota-se que naquela época deveria existir uma barreira entre o lugar da empregada e da família, por isso a sua separação. A cozinha e sala devem estar, neste momento em diálogo. Sendo os dois grandes espaços onde se passam várias horas do dia, a separação destes espaços já não deve ser feita. De hoje em dia, essa barreira não é apelativa para a vivencia dos habitantes, muito menos numa casa de férias em que se procura uma grande relação entre as pessoas.

A casa de Ofir é um bom exemplo de como integrar a arquitetura na paisagem. O seu forte diálogo entre o que é natural e o que é construído ajuda a perceber que essa fusão é possível. Ao mesmo tempo ajuda entender que a transição entre o interior e o exterior não é renunciada nem consegue ser muito brusca. Através de uma área exterior coberta foi possível criar essa transição subtil para o habitante (fig.7).



Fig. 8 - Planta da Casa Alves Costa.

### 2.3.2. Casa Alves Costa, Álvaro Siza Vieira

*“A casa é o abrigo.*

*A coisa principal da casa é o telhado e depois a chaminé.*

*Dentro somos independentes ou quase. Estamos protegidos da cidade e do mundo inteiro.”<sup>45</sup>*

A casa Alves Costa localiza-se num loteamento de casa de férias em Moledo, inserido num pinhal perto da praia. A encomenda da casa foi feita pelos pais do arquiteto Alexandre Alves Costa ao atelier de Álvaro Siza<sup>46</sup>, na altura que Alves Costa trabalhava no escritório. O período desde o início dos primeiros desenhos até que a obra tivesse concluída foi entre os anos de 1964 e 1971.

Inicialmente, a família de Alves Costa tinha como vista para a elaboração deste projeto, o amigo arquiteto Mário Bonito, que até chegou a conceber uma primeira ideia para o local. Alexandre Alves Costa, na altura estava a trabalhar no atelier de Álvaro Siza, aproveitou e achou interessante que fosse lá desenvolvido o projeto para a casa de férias dos pais. Com esta encomenda, o projeto ela feito pelo arquiteto Álvaro Siza e o acompanhamento muito constante e próximo através do seu discípulo<sup>47</sup>.

*“Na casa de Modelo da família Alves Costa, como explicou, optou por fechá-la na relação com o exterior e abri-la na relação com o jardim. Paradoxalmente, quanto mais fechada para a rua, mais se tornou num espaço aberto e disponível para uma ocupação espontânea e descontraída.*

*Foi uma opção minha, mas tinha a ver com o interesse pelo jardim por parte do Henrique Alves Costa, onde ele próprio plantou a maioria das árvores. Tinha o desejo de intimidade, mas também de abertura, recebiam muitas visitas, eram pessoas muito sociáveis.”<sup>48</sup> (fig.8)*

---

45 VIEIRA, Álvaro Siza, *01 Textos*, 2009, página 349

46 *“Álvaro Joaquim de Melo Siza Vieira nasceu em Matosinhos em 1933. Estudou Arquitetura na Escola Superior de Belas-Artes do Porto entre 1949 e 1955, sendo a sua primeira obra construída em 1954. Foi colaborador do Professor Fernando Távora entre 1955 e 1958. Ensinou na ESBAP entre 1966 e 1969; reingressou em 1976 como Professor Assistente de ‘Construção’. Foi Professor Visitante na Escola Politécnica de Lausanne, na Universidade de Pensilvânia, na Escola de Los Andes em Bogotá, na Graduate School of Design of Harvard University como ‘Kenzo Tange Visiting Professor’, lecionou na Faculdade de Arquitetura do Porto. Exerce a profissão na cidade do Porto.”* – Álvaro Siza citado por Maria Milano e Roberto Cremascoli - MILANO, Maria; CRESMASCOLI, Roberto, *A casa de quem faz casas: Álvaro Siza. Dar Forma a um Lugar*, 2016, página 90.

47 Foi o primeiro projeto de Álvaro Siza com a participação do cliente antes do projeto SAAL.

48 Álvaro Siza citado por Maria Milano e Roberto Cremascoli - MILANO, Maria; CRESMASCOLI, Roberto, *A casa de quem faz casas: Álvaro Siza. Dar Forma a um Lugar*, 2016, página 19.





Fig. 9 - Vista da entrada da Casa Alves Costa.

O terreno da casa localiza-se num gaveto cujas cotas são muito suaves. A implantação da casa posiciona-se junto do muro em contacto com a rua e muito próximo do muro do vizinho. Apesar de estar relativamente próxima da rua, Álvaro Siza continua com a questão que aborda nas suas primeiras obras, o repugnar da rua como quadro que se pode ver dentro de casa. Esta ideia de se desligar de tudo o que é próximo, envolvendo-a interiormente, leva a vivência da casa para um outro mundo. Como na casa Pinto de Sousa, a implantação cinge-se a uma pequena parte do terreno, aproveitando-se visualmente de tudo o resto. A solução lá presente permite-nos entrar num lugar de refúgio criando um segundo mundo dentro terreno<sup>49</sup>.

A casa de férias da família do arquiteto Alexandre Alves Costa ergue-se num só piso, colmatada por uma cobertura inclinada cujo é direito não é muito grande. A pequenez da altura dos compartimentos á escala humana torna a habitação acolhedora.

A porta de entrada da casa não se oferece diretamente para a rua (fig.9), sendo o percurso que fazemos, o primeiro elemento organizador da casa que nos conduz até ela. *“Se entrarmos na casa podemos ver que Álvaro faz sempre nos seus projetos. Não existe uma entrada direta. Há sempre um percurso sinuoso, como uma promenade em que nos vamos apercebendo da casa, vai-se sentido aos poucos.”*<sup>50</sup> Através deste primeiro átrio juntamente com a entrada da casa, temos a perceção da ideia geral da casa de se fechar para ela mesma como também permitir que se deambule através dos espaços. O vaguear pelo átrio de entrada proporciona ao habitante uma maior intimidade, mesmo que a porta de entrada não estivesse totalmente fechada<sup>51</sup>.

Na continuação da lógica de vaguear pelos espaços, Álvaro Siza estende e reforça essa ideia através da conjugação de espaços no átrio de entrada. Não deixando o participante a entrar diretamente para a sala ou ter acesso visual muito facilitado, cria um labirinto até lá chegar, obrigando-o a fazer uma viragem pelo percurso. Esse momento em que somos recebidos por esse primeiro átrio interior ajuda-nos a preparar para a entrada da sala. Um percurso sinuoso que nos faz esquecer do que para trás foi visto, participando no novo momento em que estamos a entrar.

De repente, durante o percurso de entrada formado por um espaço pequeno, revela-se uma grande sala que se abre para exterior. A sala é o centro da casa, o desenrolar da vivência da casa e o meio de distribuição para os outros compartimentos da casa. Este espaço incorpora três subespaços distintos que reforça essa

---

49 *“É uma casa totalmente fechada para o exterior, do lado da rua. Este aspecto contribui para criar a dimensão de uma casa refúgio, muito reservada e íntima.”* Alexandre Alves Costa citado por Maria Milano e Roberto Cremascoli - Milano, Maria e Cremascoli, Roberto, *A casa de quem faz casas: Alexandre Alves Costa. Os Verdes Anos*, 2016, página 53.

50 Idem, página 56.

51 *“No tempo do meu pai a porto nunca estava fechada e as pessoas entravam em casa livremente. Para viver bem essa sociabilidade a casa não poderia estar virada para a rua.”* - Idem, página 53.



Fig. 10 - Vista do alçado interior da Casa Alves Costa.

sociabilidade da casa; duas salas de estar (tanto a sala de inverno como a sala de verão) e a sala de jantar. A separação dos espaços é feita pela diferenciação das coberturas. Como a sala é a parte mais importante da casa, segundo o arquiteto Alves Costa, o espaço destinado á sala é independente do pátio para onde está virada, pois existe uma sociabilização entre os dois espaços<sup>52</sup>. Na sala existe ainda uma janela virada para a rua, mas esta em relação às restantes, encontra-se num plano inferior, de maneira que se consiga controlar a intimidade pretendida<sup>53</sup>.

Passando para a zona dos serviços, a cozinha apesar de se localizar o mais próximo da sala de estar, encontra-se separada, havendo só uma ligação através de uma porta entre os dois espaços. Aqui, como na sala existe espaços distintos, estão divididos fisicamente por um plano que encerra o espaço de preparação de alimentos para ele mesmo, não permitindo que ele dispersar pelo espaço principal da casa. Nota-se que esta casa se distingue das demais, pois apesar do seu programa, todas as aberturas que ajudam para a iluminação e a sua ventilação, estão voltadas para o pátio de entrada de casa. Já este espaço tem acesso direto para o local de vai o automóvel.

A zona privada separada das restantes áreas da casa embora todas a aberturas estão voltadas para o pátio interior da habitação (fig.10). A distribuição desta zona é feita através de um corredor, apesar de Álvaro Siza ter conseguido dar outro significado, complementando a ideia de mais um espaço da casa. Esse lugar adquire um novo estatuto com o vão lá presente como também com a forma conseguida para este. Independentemente de esta zona estar voltada para o átrio principal da casa, consegue adquirir a sua privacidade no que concerne a junção das formas dos quartos com as suas zonas de acesso.

A casa da família Alves Costa pode ser vista como uma obra total, na qual toda a casa é feita pelo mesmo material, no alçado pelo lado interior do terreno é perceptível pela área das janelas que o compõem. Embora as janelas contenham todas a mesma linguagem, na zona privada, os vãos não terminam diretamente no chão como a janelas da sala.

*“Acabou por ser uma casa muito aberta, mesmo partindo dessa ideia de defesa da rua, do barulho dos automóveis...”<sup>54</sup>*

---

52 *“Aliás, eu digo muitas vezes às pessoas para entrarem, quando estamos cá fora também. Toda a casa está pensada como uma espécie de «U» aberto totalmente para o pátio. A vida que se passa no pátio e a que se passa lá dentro é completamente interdependente.”* – Idem, página 56.

53 As janelas viradas para a rua foram com o pedido do cliente.

54 Álvaro Siza citado por Maria Milano e Roberto Cremascoli - MILANO, Maria; CRESMASCOLI, Roberto, *A casa de quem faz casas: Álvaro Siza. Dar Forma a um Lugar*, 2016, página 19.



Fig. 11 - Sala de estar.

### 2.3.2.1. A Reter...

A casa Alves Costa tem como particularidade a quase falta de janelas direcionadas para a rua de acesso. Isto visa em conseguir criar um outro mundo dentro da casa, dito anteriormente pelo arquiteto Alexandre Alves Costa.

Como tal, a entrada da casa responde na mesma lógica a esse pensamento. Álvaro Siza, através do desenho do percurso, orienta o habitante até á porta de entrada. A intenção de esconder todas as aberturas da rua é, aqui na entrada, o exemplo máximo. Já dentro da habitação, é notório a preocupação por parte do arquiteto em denunciar o caminho a percorrer. Através dos ângulos e paredes utilizados por Álvaro Siza Vieira, o habitante encontra uma a pequena abertura que permite uma fuga para um espaço maior e muito mais iluminado. Com este jogo de ângulos e obstáculos, possibilita a privacidade desejada na casa como também o pequeno deambular pelos espaços.

A lógica de dividir um espaço em pequenos subespaços (fig.11) é muito clara na sala. Através da demarcação de vigas e os diferentes pés diretos existentes, permitiu dividir a sala em três momentos. Com isto, Álvaro Siza Vieira individualiza cada pequeno subsetor da sala e impõem-lhe características diferentes em todos eles, como por exemplo a quantidade de luz natural o espaço irá receber. Interessante compreender como, inconscientemente, o habitante designa funções diferentes no mesmo espaço, só através de pequenos detalhes presentes por cima das nossas cabeças.



Fig. 12 - Vista da cobertura da entrada da Vill'Alcina.

### 2.3.3. Vill'Alcina, Sérgio Fernandez

*“A casa das Alcovas é o nome pelo qual ficou conhecida a casa em Caminha de Sérgio Fernandez (1971). Nunca um nome foi tão apropriado para uma casa. Alcova, na etimologia da palavra árabe al-kobba ou al-qabu (quarto lateral), remete para um imaginário feito de conforto, intimidade, privacidade.”<sup>55</sup>*

A Vill'Alcina ou casa das Alcovas foi um projeto em sociedade com o doutor Rocha Melo, amigo do arquiteto Sérgio Fernandez<sup>56</sup>. Esta obra ficou encarregue a Sérgio Fernandez com a problemática de orçamento reduzido quem tinha. O projeto materializou-se entre os anos de 1971 e 1974.

*“Acabada de construir na Primavera de 1974, foi projetada numa das primeiras férias na serenidade do mundo dentro do mundo da minha casa de Moledo. A sua invenção foi participada por todos os que por ali passavam e eram muitos. Foi sentida como nossa, como uma espécie de síntese de desejos acumulados e pensada para abrigo de muitas aspirações de vida em comum, finalmente em liberdade e, por isso, aberta para o mundo. Sem nenhuma cedência formalista, sem nenhuma retórica ou procura estilística, seria residência de um pensamento e de uma intenção clara de conforto numa solidariedade ativa, visível na prática, já!*

*Ninguém perguntou aos artistas de ontem e de hoje o que é arte, perguntou-se que é da linha pira, sóbria, clara, pedra mortificada, porque a forma, a forma tal como se mostra, cansa-nos e gasta-nos. Por isso, sem voltas, nem caprichos, abriram-se-nos os olhos, isolados entre a multidão forasteira, sentados, alheios aos ruídos, o que nos entrelinha era a vida.”<sup>57</sup>*

Quando somos recebidos na casa, uma cobertura acolhe o habitante (fig.12) e direciona-nos obrigatoriamente para a paisagem que em frente exhibe. Esse conjunto de formas e texturas cruas fazem sobressaltar a paisagem que encontramos na nossa frente. O enquadramento por ele feito auxilia na domesticação da natureza<sup>58</sup>. Naquele momento de receção no pátio principal da casa, impele

---

55 Sérgio Fernandez citado por Maria Milano e Roberto Cremascoli - MILANO, Maria e CRESMASCOLI, Roberto, *A casa de quem faz casas: Sérgio Fernandez. Um Espaço de liberdade.*, 2016, página 7.

56 *“Nasce, no Porto, em 1937. Arquiteto pela Escola Superior de Belas Artes do Porto em 1965. Professor Emérito da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Lecionou naquela Faculdade e na Escola de Arquitetura da Universidade do Minho a disciplina de Projeto I. Na Unidade Pedagógica de Viseu da FAUP, lecionou Projeto I e Teoria Geral da Organização do Espaço. Foi diretor do Centro de Estudos da FAUP. Tem bibliografia publicada, sobretudo em revistas da especialidade portuguesa e estrangeiras. Publica, em Edições da FAUP, 1985, a 2ª edição de «Percurso – Arquitetura Portuguesa 1930/1974». Sócio Honorário da Ordem dos Arquitetos.”* - NEVES, José Manuel das, *Atelier 15: Alexandre Alves Costa, Sérgio Fernandez*, 2014, página 234.

57 COSTA, Alexandre Alves, *Só nós e santa tecla: a casa de caminha de Sérgio Fernandez*, 2008, página 22 e 23.

58 *“..., mesmo ale em frente – uma natureza contida e domesticada pelo território do edificado.”* - COSTA, Alexandre Alves, *Só nós e santa Tecla: a casa de caminha de Sérgio Fernandez*, 2008, página 25.



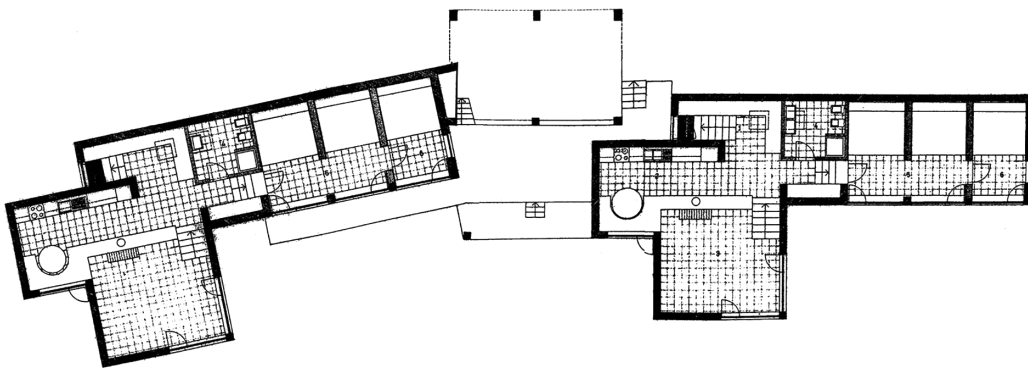


Fig. 13 - Planta da Vill'Alcina.



Fig. 14 - Vista da cozinha para a sala de estar juntamente com o corredor de acesso às alcovas, que marca a curva de nível que ancorou o projeto.

dentro do nosso ser um silêncio, um pensamento de preparação para algo que não estamos acostumados a viver.

À medida que vamos percorrendo o caminho até à porta de entrada da casa, vai-se apelando cada vez mais ao lado sensorial da pessoa, pela dimensão reduzida do caminho como também pelos filtros impostos pela natureza já presente.

A permanência no átrio de entrada não é muito convidativa, comprimindo o habitante a uma escala não muito confortável, obrigando-o “a fugir” para a zona de maior amplitude, que é a “vida da casa”. Esse primeiro espaço da casa da qual sua função é receber pessoas, passa a ser diluída no num espaço mais complexo da casa; espaço esse que serve para distribuir para o resto dos compartimentos da habitação, mas que também “trava” o movimento de curvas de nível presente no terreno, reforçado pela inclinação da cobertura.

A galeria de distribuição é importante para o projeto, pois segundo o arquiteto Sérgio Fernandez, esta agarra a casa ao terreno, cumpre a função de distribuir para o resto da casa e ajuda a criar um eixo oposto ao natural, das curvas de nível<sup>59</sup> (fig.13).

A zona mais “social” da casa, adquire um nível de privilégio que a habitação permanente, por norma, não adquire. O arquiteto Sérgio Fernandez teve a liberdade de enaltecer esta parte da casa através do contacto visual permanente entre os espaços em questão. A sala de estar, de certa forma, perde a sua conotação de permanência de descanso e juntamente com a cozinha torna o espaço ambíguo, onde o local de trabalho com o local de descanso da casa. A comunicação visual entre os dois espaços “desvaloriza” a essência de cada espaço, melhorando a vivência social dentro da casa (fig.14).

A comunicação entre a sala e a cozinha acentua-se ainda mais, no momento em que o objeto de articulação é resumido a um muro de suporte (com funções diferentes) que aguenta os dois espaços, independentemente do desnível entre eles criado. O muro adquire funções distintas nos dois espaços; num deles serve de banco que começa nas escadas e prolonga-se até á mesa de comer. Já na zona da sala, o tal muro de suporte adquire o valor de aconchego, através do fogo, e de exibição das memórias do habitante.

A unificação física dos dois espaços dá-se através do mesmo teto que segue as curvas naturais do terreno.

---

59 “A galeria que percorre toda a casa, desde a zona de dormir até à cozinha, coincide com o sentido das curvas de nível do terreno e amarra a casa ao chão. É o elemento que articula os diferentes espaços.” - Sérgio Fernandez citado por Maria Milano e Roberto Cremascoli - MILANO, Maria e CRESMASCOLI, Roberto, *A casa de quem faz casas: Sérgio Fernandez. Um Espaço de liberdade*, 2016, página 22.



Fig. 15 - Corredor de distribuição para as alcovas.



Fig. 16 - Alcovas da Vill'Alcina.

A zona privada da casa, onde se localizam as alcovas, segue a mesma ideia do resto da casa. A continuidade dos espaços está presente nas alcovas feita através do corredor (fig.15) que distribui para o sítio de dormir. Quando o arquiteto idealizou que a separação para uma maior intimidade era feita através de uma cortina e não cerrado por um objeto convencional, dá-nos a entender que o grau de intimidade das pessoas que utilizam aquela parte da casa é muito grande, não prestando muitos cuidados em tentar proteger as pessoas naquele lugar em específico<sup>60</sup> (fig.16).

### 2.3.3.1. A Reter...

Com a análise da Vill'Alcina é possível perceber a grande procura pela relação entre as pessoas. O arquiteto Sérgio Fernandez consegue unir a espaço da cozinha com a sala de estar, embora estando localizados em cotas diferentes. É importante compreender que essa interação é conseguida visualmente e que os espaços são fortemente unidos pela sua cobertura inclinada com a mesma materialidade.

A individualização destes dois espaços é feita pelas curvas de nível presentes no terreno, como pelos vãos presentes. Apesar da preocupação de conseguir unir estes dois espaços, o arquiteto teve a preocupação em individualizar as aberturas de cada espaço.

Na zona de dormir, as alcovas marcam a diferença em relação as noções que se tem por um simples quarto. Estas privilegiam mais a paisagem que têm á sua frente do que a privacidade. Com a falta de divisão clara entre elas, com a exceção da última, denuncia a intimidade presente por toda a casa.

---

60 *“A zona de dormir teria alcovas encerradas com cortinas de lona, duas para os filhos e uma para o casal. É uma casa onde se pressupõe que as pessoas que a habitam tenham laços de grande intimidade... Esta casa corresponde um pouco a essa ideia: estarmos juntos, estarmos em comunidade, sem necessidade de cuidados especiais.” – Idem, Ibidem.*



Fig. 17 - Vista do exterior da casa.

### 2.3.4. Casa Pinto de Sousa, Alcino Soutinho

*“Uma casa de férias num pinhal do Norte – talvez, um dia, primeira habitação.*

*Objeto isolado, sem referências construídas próximas.*

*Como estímulos de lugar, apenas a natureza – o pinhal e o desejo de sol.*

*Agressiva por fora – nas cores e na forma; sociável por dentro – na cor e nos espaços.*

*Construção difícil, contando exclusivamente com as artes locais e a participação de carpintaria de uma fábrica (que nada tem a ver com construção civil).*

*Materiais tradicionais: pedra, rebocos, telha, madeira (carvalho, faia e Kâmbala pintada).”<sup>61</sup> (fig.17)*

A casa Pinto de Sousa tem como programa inicial uma casa de férias, cuja encomenda foi feita pelo cliente José Pinto de Sousa. Alcino Soutinho<sup>62</sup>, arquiteto da obra, confrontou-se com este projeto no ano de 1984.

*“O projeto da casa Pinto de Sousa, com Luís Casal, Victor Cabral e o Engenheiro J. Sobreira, requer a interpretação do lugar onde a casa se insere: um pinhal em Ofir, muito distante dos ruídos e preocupações da cidade, isolado. “Como estímulo tem ‘apenas’ um pensamento sobre as raízes (sem folclorismo), a natureza (sem naturalismo) e o desejo do sol (sem bronzeador). O projeto foi a tentativa de exprimir um pensamento. A obra vai ser a tentativa de o construir.”<sup>63</sup>*

O arquiteto Alcino Soutinho numa entrevista<sup>64</sup> relata que projetar para Ofir não é algo para o qual se tenha uma resposta imediata. Apesar da localização ser muito emblemática, no meio da natureza, as condicionantes não existem para que se tenha uma ideia de habitação doméstica para aquela zona. Com a escassez dos agentes para o projeto, o arquiteto tem outros estímulos para idealizar um projeto que não consegue ter enquanto habitação num centro urbanizado (devido a

61 CRESMASCOLI, Roberto, *Arquitetos Portugueses, Alcino Soutinho* –, 2013, página 39.

62 “Nascido em Vila Nova de Gaia em 1930, (...) no Porto realiza os seus estudos, a escola primária e durante o liceu (Alexandre Herculano) conhece Álvaro Siza, companheiro de estudo, de viagem, de uma vida. Os dois amigos desejam o mesmo futuro académico (e profissional), a Escola de Belas-Artes: Álvaro a escultura, Alcino a pintura; “forçados” pelas circunstâncias do tempo e da família, acabam por se encontrar no curso de Arquitetura (...) A prova final, de 1957, ‘Centro de Artes Populares’ (um museu de artes e tradições populares, localizado nas proximidades do Campo Alegre, no Porto) apresenta o interesse do jovem Alcino pela cultura americana, a arquitetura orgânica de Frank Lloyd Wright (...)”

“Autor de centenas de manufactos, está entre os protagonistas de um novo Portugal pós-revolucionário e é responsável pela formação de centenas de alunos que, entre 1972 e 1999 (na Escola Superior de Belas-Artes do Porto – ESBAP, depois na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto – FAUP)” – *Idem*, página 10.

63 Soutinho, 1986.

64 Entrevista RTP a Alcino Soutinho, feita pelo arquiteto Graça Dias.



Fig. 18 - Plantas dos pisos e cobertura. - Plantas dos pisos e cobertura.

tudo a seu redor que tem grande influência na obra). Nisto o arquiteto vê a casa como um objeto isolado de tudo o resto, que se aproveita da envolvente para valorizar a “escultura arquitetónica”. Esta posição sobre o que se pode esperar de uma habitação com este carácter, permite uma grande liberdade na hora da apropriação da natureza como “quadro” para dentro da habitação.<sup>65</sup>

A implantação da casa Pinto de Sousa remete-se só a uma parte do terreno, deixando o resto para a liberdade exterior. Também obedece ao plano que estava em vigor, explicitando a preservação da natureza presente. A implantação da casa começa depois da “última linha de árvores”, mas também com o motivo de aproveitar a luz solar constante no edifício todo. Logo a partir da porta da entrada na rua, começa-se a perceber a lógica da casa no percurso até chegar a ela, querendo dividir a área privada/familiar da área de entrada para o terreno, primeiro local de “visitas”. Consegue-se esta observação pela forma como a casa está implantada, restrita a um canto do lote, aproveitando o máximo de terreno livre na parte principal da casa.

A casa é definida a partir de uma forma retangular dividida por dois pisos. O arquiteto Alcino Soutinho divide a zona particular no primeiro piso da zona social, no piso do rés-do-chão. A elaboração deste conceito pode-nos levar a pensar nesta casa como uma máquina de habitar<sup>66</sup> (fig.18).

Antes de entrar na casa somos recebidos por uma galeria que percorre todo o alçado da casa. O hall de entrada consegue articular os variados espaços da casa, mesmo os que estão no segundo piso, estando este primeiro lugar da casa com um pé direito duplo. Apesar de conseguir ligar os espaços da casa, adquire a sua independência localizando-se numa cota diferente em relação ao resto do piso. Essa elevação na entrada ajuda na organização da sala de estar, local mais “aberto” em relação ao hall. O patamar de entrada contribui na divisão da sala de estar para dois momentos: a zona do fogo com a presença de uma lareira, mais recuada, resguardada da convivência com o exterior da habitação e a zona mais destinada para o verão, localizada mais próxima dos vãos da casa e com um forte contacto com o exterior e a natureza.

O piso do rés-do-chão comporta a sala, tanto de jantar como a de estar, hall de entrada, cozinha, quarto da empregada e casa de banho de apoio. A fluidez deste piso é notável, pois existe comunicação entre as salas e a cozinha. Alcino Soutinho consegue esta facilidade de interação visual por meio de abertura de vãos (fig.19). Sendo assim pode-se deambular através destes espaços. Por outro lado,

---

65 Os benefícios que se consegue tirar neste tipo de contexto torna a habitação diferente tanto no seu interior como exterior, em todas as épocas do ano, visto que a natureza também se altera constantemente.

66 “A ideia de casa-tipo, casa-máquina de habitar, casa-ferramenta, vai desenvolver igualmente na organização interna dos fogos soluções que apontam para uma funcionalidade estrita e que alteração os códigos de articulação tradicional dos espaços. Tende-se a diferenciar com rigor a zona comum da zona privada, condensada no desenvolvimento das ‘células’ duplex, onde estas áreas são rigorosamente separadas.” – TOSTÕES, Ana, *Os Verde Anos na Arquitetura Portuguesa dos anos 50*, 1997, página 139.





Fig. 19 - Interior da casa - abertura entre espaços no rés do chão.

esses espaços adquirem uma privacidade, caso seja necessário, através de portas que bloqueiam a comunicação dos mesmos. No lado oposto à sala encontramos a cozinha, o quarto da empregada e a casa de banho de apoio. No desenho da planta poderemos ter a opinião de que o arquiteto quis arrumar a “a parte correspondente á empregada” num canto, não atrapalhado com o funcionamento do resto da casa.

Em relação ao piso destinado zona privada, este é constituído pelos quartos e um escritório. A consciência de conservar a ligação com o resto da casa é mantida mediante a altura do hall de entrada e com o contacto visual direto para as partes “importantes” da casa. Neste piso, sendo ele de cariz mais individual, fecha-se mais para si, não havendo essa articulação entre os sucessivos espaços. Embora ao que anteriormente dito, o corredor ainda tenta oferecer uma certa coerência na ligação dos espaços, perdendo assim esse carácter de “via de passagem” para algo mais agradável de se percorrer. As complexidades destes espaços são feitas através do desenho da cobertura, que denunciam as pendentes do telhado, apesar de que não é visível pelo exterior da casa.

A casa Pinto de Sousa adquire uma relação de horizontalidade em relação ao terreno que é contraposto com a verticalidade das chaminés e com o hall de entrada. Também se nota a tentativa de anular essa grande horizontalidade através dos vãos nos alçados. Assim, Alcino Soutinho conseguiu harmonizar os alçados conjugando a horizontalidade e a verticalidade da construção. A proporção da casa com a simplicidade da sua máscara<sup>67</sup> não transmitem a complexidade da cobertura.

Alcino Soutinho vê a casa como um objeto ou uma obra total, em que tudo o que ela comporta deve ser pensado para um melhor raciocínio acerca do espaço, no entanto não impõem o desenho completo da casa, pois o cliente é que se vai apropriar dela. *“Eu fiz uma casa em Ofir, há uns anos, e depois de fazer a casa fiz os desenhos dos móveis todos que estão a equipar a casa, juntamente com alguns móveis antigos que o cliente tinha. Eram três ou quatro peças muito bonitas. Eu lá desenhei os móveis e, entretanto, a mulher do cliente diz-se ‘oh, senhor arquiteto, eu comprei umas tulipas pretas que são de plástico para pôr aqui, como é uma casa de férias. São umas tulipas que parecem verdadeiras, mas já sei que o senhor arquiteto quando chegar vai fazer aí um barulho desgraçado’, e eu disse: ‘está enganada, eu faço aquilo que é elementar fazer, que é pôr determinados móveis nos pontos fulcrais, no sentido de organizar o espaço de acordo com a sua configuração arquitetónica. (...)’ Eu acho que o arquiteto não pode ser tão impositivo que não deixe nenhuma margem aos seus utentes.”*<sup>68</sup>

---

67 Alcino Soutinho, na entrevista para a RTP, falou das paredes serem dupla, em que a exterior é a máscara da casa.

68 Alcino Soutinho citado por Carlos Nuno Lacerda Lopes - LOPES, Carlos Nuno Lacerda, *Arquite-*

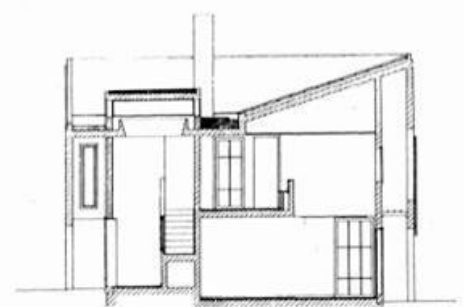
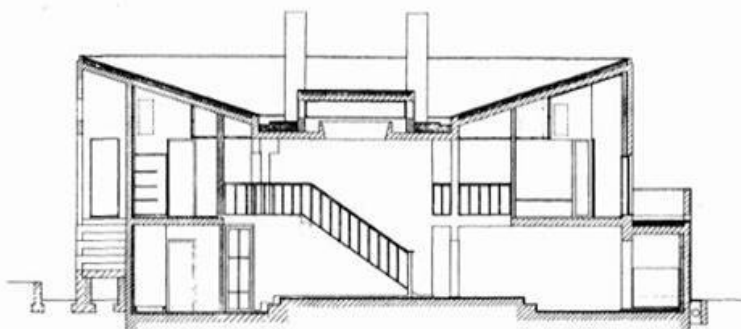


Fig. 20 - Cortes da Casa Pinto de Sousa.

### 2.3.4.1. A Reter...

A casa Pinto de Sousa é um objeto que se complementa com a paisagem. Só através do pensamento de que algo singular pode-se relacionar com a envolvente natural, é que permitiu projetar alguma habitação para o local. Não existindo muitos agentes que auxiliem o desenho, essa ideia ganha cada vez mais força. Ao mesmo tempo, sendo uma casa de férias e um objeto no meio do pinhal, permite ao arquiteto ter liberdade para fazer muitos experimentos.

Quando entramos na casa, somos recebidos por um Hall singular (fig.20). Verifica-se que o espaço serve como rotula de toda a casa. Este adquire um pé direito duplo que serve de distribuidor horizontal como vertical. O Hall presente tem como característica evidente a união dos diferentes espaços da casa, a mesmo tempo que se diferencia dos restantes.

Agregado á sala, existe um espaço que pode servir para variadas funções. Este destina-se á sala de jantar, mas através das suas características, possibilita em outros momentos criar um pequeno escritório ou mesmo outro quarto, tendo portas que possibilitam o bloqueio visual dos outros espaços da casa.

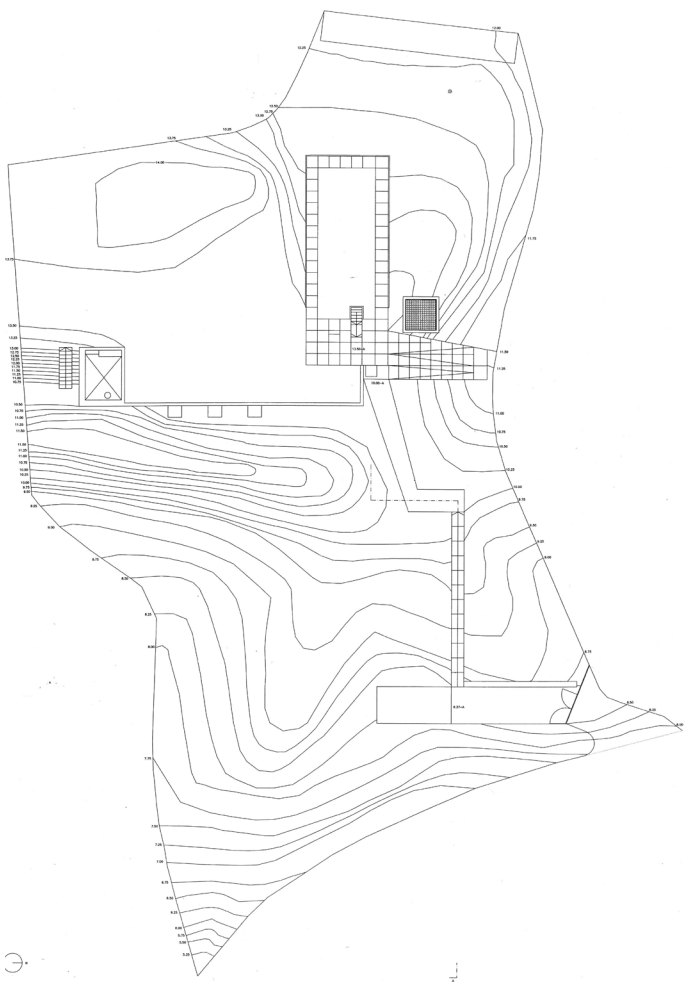


Fig. 21 - Implantação.

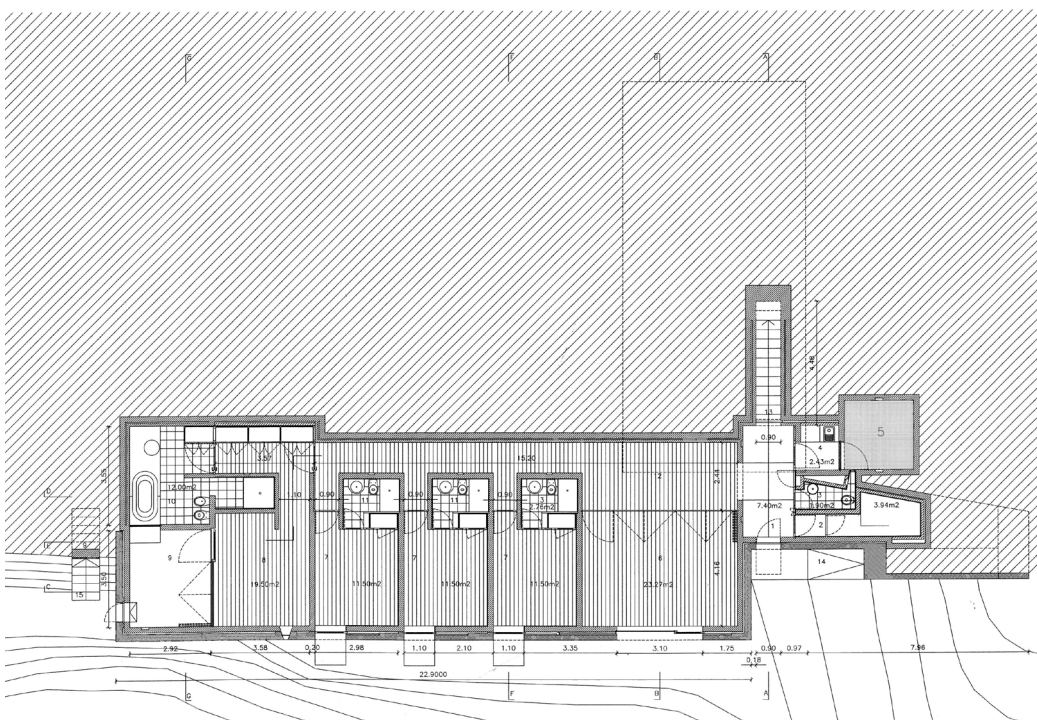


Fig. 22 - Planta piso dos quartos.

### 2.3.5. Casa de Ofir, Cristina Guedes e José Fernando Gonçalves

A implantação da casa é o resultado da complexidade que o sítio oferece. A diferença de cotas presentes no terreno permitiu que a casa se desenvolvesse em dois pisos para, de melhor forma, se conseguir adaptar às condições morfológicas do local (fig.21). A casa no piso inferior “segura” a curvas de nível, permitindo esconder esse mesmo piso, dando a ilusão de um muro de contenção. Ao mesmo tempo num plano mais afastado, faz-se nascer do terreno um volume que espregueira para o horizonte. Este jogo de volumes permitiu que a casa tirasse proveito de toda a sua envolvente. Também permitiu uma divisão das zonas que necessita uma habitação, sendo ela de carácter temporário.

Desde a porta de entrada do terreno, o arquiteto toma uma posição muito forte na medida em que faz uma proposta para a utilização do terreno. Num primeiro plano, reduz a circulação do automóvel a uma pequena parte da entrada do terreno, deixando o restante para um vaguear, de livre-arbítrio do habitante. Ao mesmo tempo, dando essa liberdade de circulação pelo terreno, enuncia o percurso “principal” até chegar à casa, num jogo de curvas e contracurvas, apelando à interação visual com resto do terreno. Este percurso criado reflete o percurso que se faz pelos passadiços até chegar ao areal, muito pelo meio em que este está inserido.

Nesse mesmo percurso, temos a noção de que a casa é feita por dois volumes, mas que, visto da parte de fora não é de fácil entendimento as partes que compõem a casa. É necessário entrar dentro dela para termos a percepção muito superficial dos componentes principais da habitação.

No volume do rés-do-chão, foi construída a parte privada da casa. Este piso é constituído pelos quartos (fig.22), todos eles suite sendo um deles considerado o quarto principal devido à sua dimensão em relação aos restantes. Esse quarto principal adquire ainda mais o valor de importância, pois nele, é incorporado um pátio (privado) que ressalta a sua importância em relação aos outros como marcando a um ponto chave da casa. Os outros quartos também se fecham para si, pois têm todas as partes privadas que o habitante necessita. Este modo de quarto permite ao visitante da casa uma dependência em relação aos habitantes.

Como se acede através da entrada da casa para a zona privada, foi criado um momento de filtragem, feito por um espaço destinado a diversão. Este local permite a separação da zona de entrada para os quartos da habitação.

A partir da entrada, conseguimos aceder à zona de estar da casa, considerada a parte principal da casa, devido à sua configuração. Esta parte da casa localiza-se no volume que se eleva do terreno, num piso superior que debruça sobre o mar. Neste piso, é notável a lógica principal da casa, que se adapta ao terreno, acentuando pela divisão por partes no solo. Isso permitiu naquele sector da casa uma

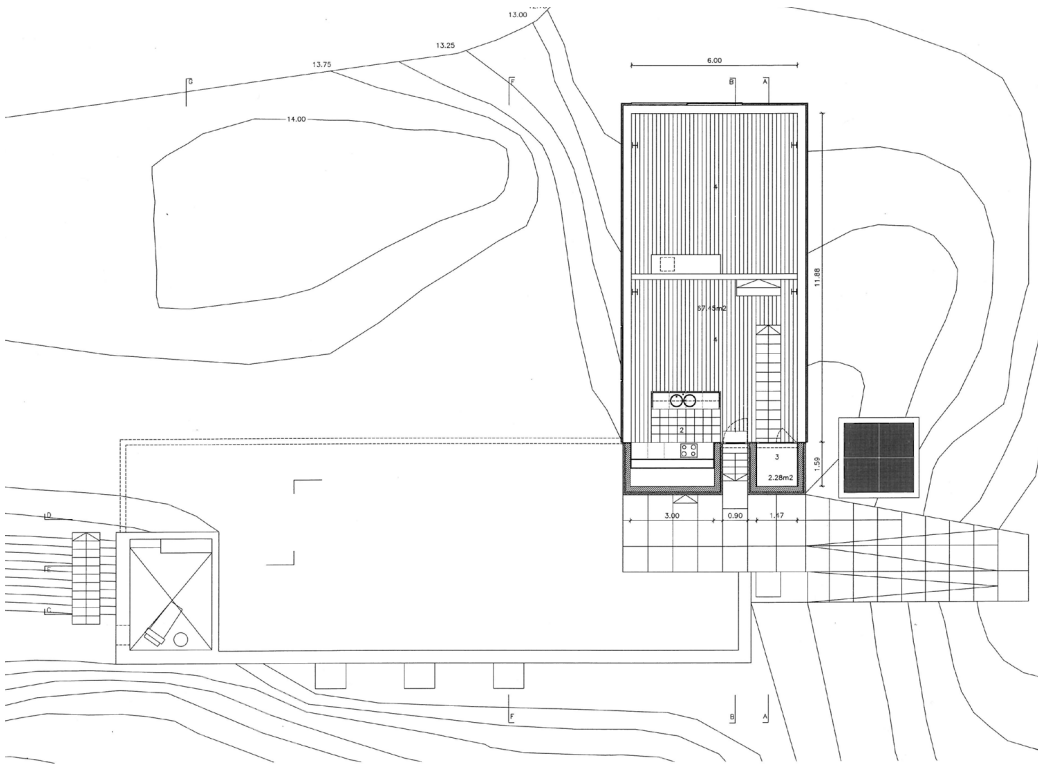


Fig. 23 - Planta piso da sala.



Fig. 24 - Vista do piso da zona social da casa.

repartição das partes que a constitui. A sala, no geral, é dividida em duas cotas. Na cota inferior, podemos considerar a parte de jantar apoiada por uma cozinha no remate do volume. Na cota superior, localiza-se a zona de estar que se espraia visualmente, estando contido numa “gaiola” em envidraçada (fig.23).

Este espaço comum é ligado pela continua cobertura que o acolhe. O efeito da cobertura inclinada tem como objetivo manter o pé direito como ao mesmo tempo se abrir para o horizonte. Um espaço que integra a paisagem que o circunda (fig.24).

Em relação à materialização da casa, esta marca uma presença enorme no piso de rés do chão, e um objeto transparente no piso superior. O piso de entrada (rés do chão) torna-se muito imponente pelo material por ele composto (xisto), dando a ilusão de um muro de suporte com aberturas. Torna-se um piso muito austero em relação ao piso superior.

Por outro lado, o piso da sala sendo uma lâmina que se vai abrindo conforme o percorre, torna-o mais leve, permitindo abri-lo para a paisagem envolvente. Neste piso, nota-se a liberdade na vivência daquele espaço em concreto; o que torna particular aquele momento da casa.

### **2.3.5.1. A Reter...**

As casas de férias em Ofir convidam a uma grande interação com a natureza e ao mesmo tempo, o usufruir da privacidade que permite o local. Nesta casa, em especial, é perceptível o cuidado que se teve em tornar a zona de dormir o mais privado possível. Aqui todos os quartos têm uma casa de banho, o que possibilita a individualização de cada uma, não necessitando de serviços fora das quatro paredes. Remata esta sequência de quartos com uma suite, cujas suas dimensões são maiores em relação às outras. Ao mesmo tempo tem agregado um pátio que traz um valor especial àquela suite. O desenho da circulação desde o hall de entrada até aos quartos é feito de maneira a perturbar o menos possível aqueles espaços. A abertura dos vão dos mesmos também rege-se com o intuito de preservar o máximo de privacidade.

Depois de estar no hall de entrada e percorrermos até à área da cozinha e sala, as diferenças são enormes. A grande relação com a paisagem está presente em toda a área desta zona da casa. Procura-se conectar estes dois espaços num mesmo volume, mas consegue-se separar o espaço de lazer com o da cozinha através da utilização de cotas diferenciadas.



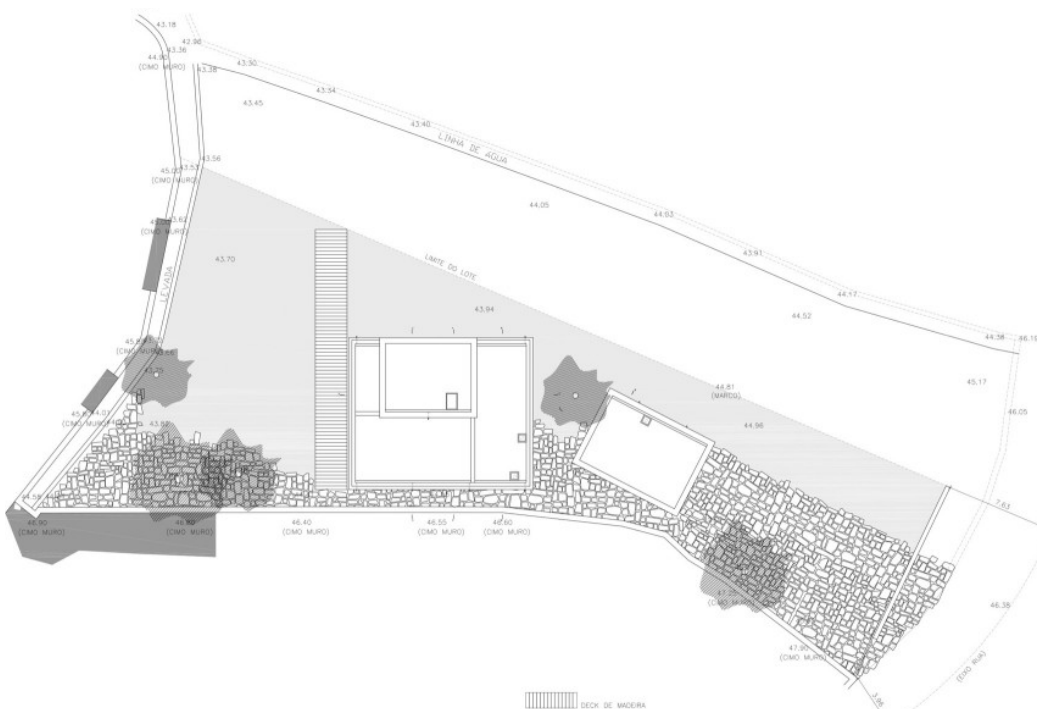


Fig. 25 - Implantação da casa de Afife.

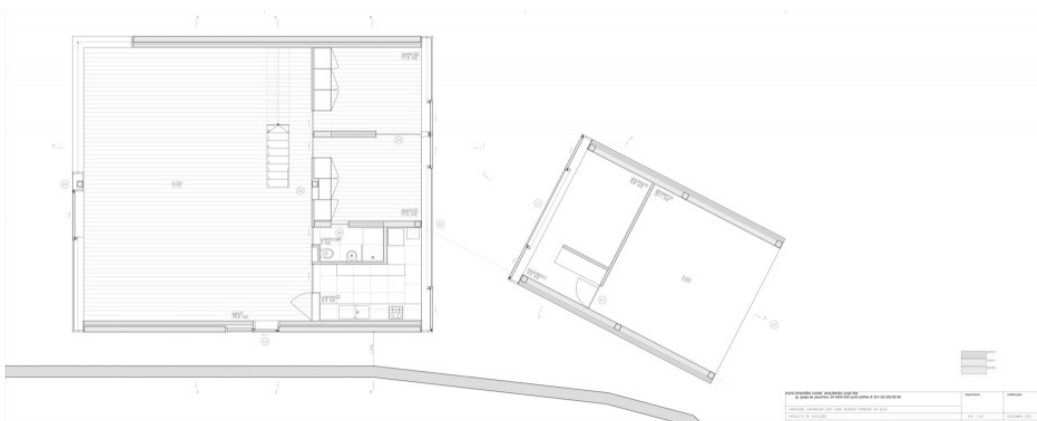


Fig. 26 - Planta rés do chão.

### 2.3.6. Casa de Afife, Nuno Brandão Costa

A casa de Afife insere-se num meio rural, sobre um contexto de habitação muito dispersa, característica do território pouco urbanizado na região minhota.<sup>69</sup> A inserção na paisagem, juntamente com a dispersão das habitações vizinhas, contribui para uma urbanização sem regra aparente. O projeto aparece na natureza como dois volumes que criam espaços irregulares entre si. Apesar de ser um projeto moderno, este apropria-se dos agentes existentes no terreno, usando a parede de granito presente como elemento consolidador do projeto.

A casa é formada por dois volumes que se relacionam às características do terreno. Os dois volumes articulam-se entre si moldando-se também aos limites do terreno (fig.25). O volume mais baixo mantém o diálogo com a entrada, corresponde aos serviços da casa. Este volume também serve como filtro para o que se vai passar na parte principal da casa. O segundo volume desenvolve a zona privada do habitante. A lógica da apropriação do existente está fortemente presente no novo volume, mais alto, que se alinha com o muro de granito presente e que auxilia no desenho de percurso até à entrada da casa. O assentamento da casa no terreno necessita de se adaptar à topografia, embora a diferença de cotas não seja muito acentuada.

A distribuição do interior da casa foi algo pensado para as necessidades de cada dia. Não se nota uma falta de liberdade na utilização do espaço, podendo-o adaptar para um outro contexto (fig.26). Quando se entra na casa, somos presenteados por uma sala enorme (open space) que dilui hall de entrada com a sala de estar e jantar. A falta de uma barreira física entre estes espaços dá uma independência que permite ao habitante imaginar o open space de muitas formas diferentes. Ao mesmo tempo ajuda numa melhor relação humana.

No piso de rés do chão, há dois quartos que, pelo seu desenho, consegue adquirir um outro programa, tornando aquele espaço multifuncional. Em relação ao piso superior, foi construído o quarto principal (fig.27). O acesso para o primeiro piso é feito por uma escada “escultórica”. Esse acesso adquire um lugar de excentricidade. Pois o espaço que a contém tem um pé direito duplo, revertendo para a verticalidade e momento especial da casa.

A contemporaneidade da casa feita pelas textura e formas simples contrasta com a tradicionalidade e irregularidade das paredes de granito que a envolvem. Para além de esta “perturbação” no terreno, a cor conseguida na habitação despreza a memória já estabelecida no lugar (fig.28).

---

<sup>69</sup> A utilidade da casa não é conhecida, mas esta diferencia-se no aspeto de que cumpre o necessário para a vida. Neste caso acha-se necessário analisar, pois é um “caso atípico” que serve para o tema na qual esta dissertação aborda.

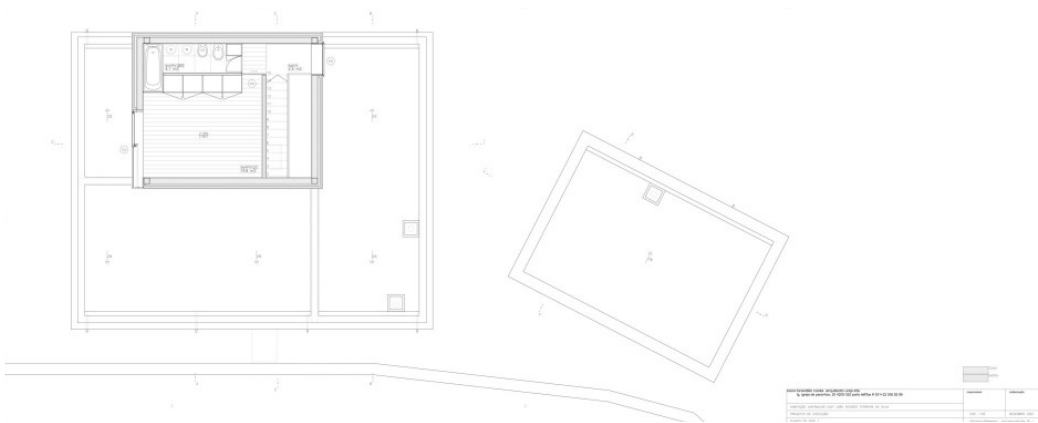


Fig. 27 - Planta piso 1.



Fig. 28 - Vista do volume principal.

### **3. Exercício de projeto - Casa do Pinhal**



Fig. 29 - Localização.

Na execução deste projeto teve-se a atenção em reunir características que permita elaborar um projeto para uma nova habitação, num ambiente isolado. Procura-se dinamizar uma maior interação entre o habitante e a natureza. Em termos programáticos, a casa de férias vai levantar outro tipo de questões muito inerentes ao local onde está implantada, como por exemplo a manutenção ou destruição da natureza em volta.

Partimos, então, do estudo de casos de referência já analisados. Deste modo e através de volumes variados, foi possível a exploração de combinações mais livres dentro desta parcela. A partir dessas conjugações, começa-se a pensar em temas de desenho que auxiliam os pensamentos do arquiteto.

A forma apresentada da habitação tem como objetivo entregar ao habitante uma organização de habitação que permita a realização de várias atividades tanto no seu interior em conjunto com o exterior, aproximando o ser humano á natureza envolvente. Ao mesmo tempo, aproxima-se de dimensões que alberguem essas tais atividades com dimensões de uma habitação de pouco uso. Essas atividades passam por ser um convívio entre amigos como simplesmente estar só com a família próxima. Dado isso, os espaços têm de conseguir responder a essas questões.

Fig. 30 - Implantação. Escala 1/1000 (ver á escala 1/500 em anexo)

Fig. 31 - Corte longitudinal pelo terreno. Escala 1/1000 (ver á escala 1/100 em anexo)



### 3.1. Implantação e Volumetria

Localizando-se num lote de forma trapezoidal, com uma grande área de terreno e com uma topografia muito pouco desnivelada (fig. 31), o projeto tem como objetivo - ocupar toda a área da parcela, aproveitar a luz natural para iluminação dos espaços interiores e impermeabilizar o lote do olhar oriundos da rua, consolidando-se numa proposta arquitetónica que revele o pretendido.

Numa análise ao terreno, através da incidência solar e do aglomerado de árvores presentes, constatamos que a melhor área para a implantação da proposta é na zona nascente (fig. 30). A área é livre de qualquer elemento natural possibilitando uma maior variedade de soluções e atividades no exterior, aproveitando ao mesmo tempo a luz durante o dia. A localização também possibilitou o afastamento da habitação em relação ao muro que está em confronto com a via pública, enaltecendo ainda mais a ideia de uma construção vista como um refúgio que permitiu o aumentar a intimidade dos habitantes.

O percurso de acesso á casa é feito pelo desenho no solo e com diferença de materiais, perturbando o menos possível a natureza. Com isto, procura-se arranjar um percurso rápido até uma área próximo da casa, livre de vegetação, que possibilite levar o automóvel. Não existindo um local (coberto) destinado ao automóvel, está reservada uma área para tal, sendo esta o remate da ligação entre a rua e o estacionamento próximo da habitação. O percurso pedonal tende a desviar-se da área privada da casa, conduzindo o habitante á entrada da casa. Conforme se vai percorrendo o terreno, este tende em desvendar, gradualmente, os elementos que constituem a casa. Através do longo percurso desde a porta da rua até à entrada da casa juntamente com a manutenção das árvores, consegue-se criar mais um filtro para a habitação e a valorização do ambiente cénico presente.

Na elaboração da proposta, pretende-se o encontro de vários sólidos no lote distante da via pública que se concretizam em volumes que formam a habitação. Desta maneira, não se procura uma superiorização do construído com o natural, mas uma fusão que possibilite a intimidade do lugar. Do mesmo modo, os volumes são tratados de forma a criar alguma surpresa para o ser humano, que se vai revelando com o aproximar da entrada. A função principal a induzir no habitante é de um ambiente de tranquilidade e surpresa.

Nas convicções ideológicas presentes desde o início do projeto, procura-se através de volumes simples, uma organização tanto exterior como interior que vá de encontro com as ideias iniciais. Ideias essas que visam na simplicidade de formas como a fácil demonstração das individualidades da habitação. Os volumes, diferentes entre si, potenciam esse destaque de cada zona da casa. Pelo meio de formas simples, busca-se investigar uma organização de habitação para uso sazonal apelando aos sentimentos que traduza um ambiente de bem-estar ao habitante – sensações essas que o individuo normalmente não adquire na sua



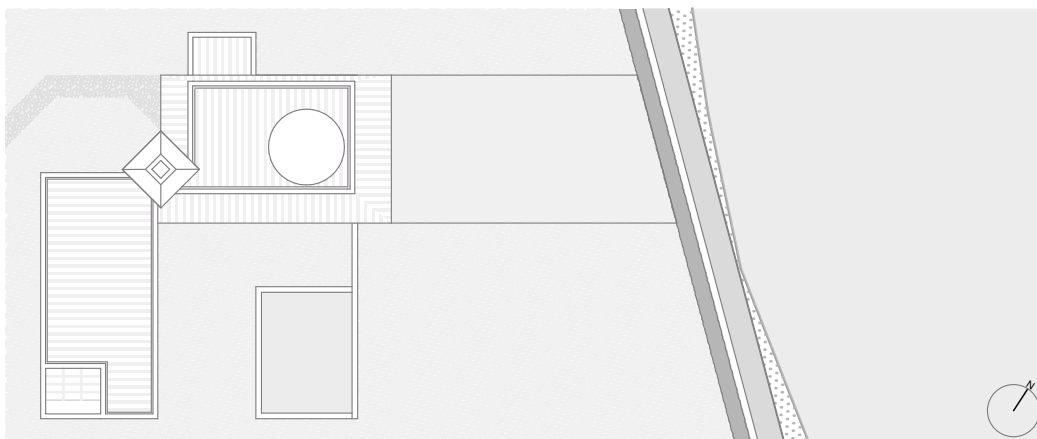


Fig. 32 - Planta Cobertura. Escala 1/500 (ver á escala 1/100 em anexo)

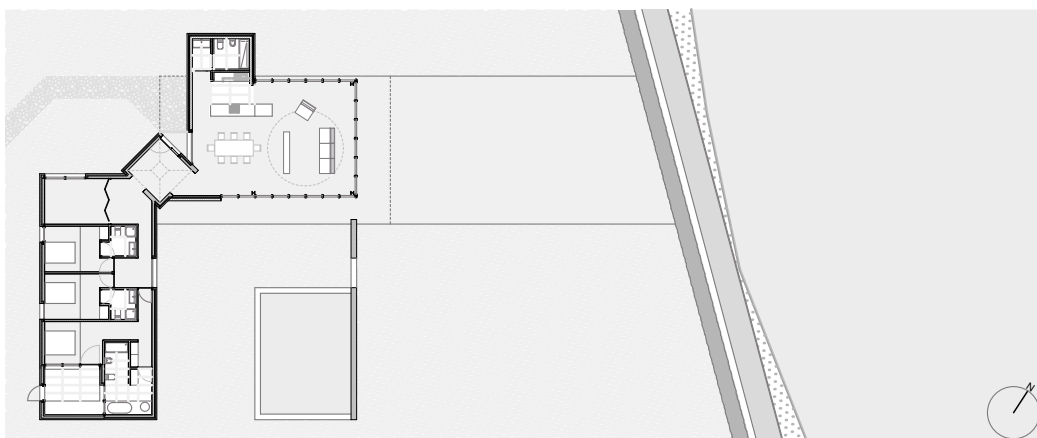


Fig. 33 - Planta Piso. Escala 1/500 (ver á escala 1/100 em anexo)

casa de permanência, devido á sua rotina e mesmo no meio onde está inserida.

A proposta visa qualificar a organização dos espaços interiores, que se denunciam no seu exterior. Os diferentes espaços que ocorrem no interior da habitação são convertidos em formas simples no seu exterior. Com isto, as formas exteriores revertem-se num volume piramidal que está completamente agregado a bloco retangular e a uma lâmina que se abre para a paisagem que está á sua frente. Esta intenção de separação em volumes diferentes visa em diferenciar os espaços mais sociais da casa com os espaços de cariz privado. Através dessas formas procura-se demonstrar o que está realmente aberto para a paisagem em consonância com o que se isola do ambiente inserido. A proposta tem como primeira abordagem o confronto entre os variados volumes numa tentativa de os agregar, tornando-os em espaços habitáveis.

O desenho da piscina reforça o espaço destinado à sociabilização entre os habitantes, destacando a ideia de os quartos estarem virados para o sentido oposto. Ao mesmo tempo, conecta os dois grandes volumes da casa, justificando a implantação (fig. 32). Através da existência de uma parede junto da piscina, ajuda a conter a privacidade daquela zona como também impermeabiliza dos ventos oriundos do norte. Esta barreira tem uma abertura que enquadra a paisagem para dentro daquele espaço

O desenvolvimento do pensamento de divisão da casa por setores tem como influência o que anteriormente foi estudado. A organização em partes tem como exemplo a casa de Ofir. Uma forma funcional já estudada pelo arquiteto Fernando Távora que consegue responder a um dos critérios que o programa estabelece, a divisão da casa por partes. Essa forma tripartida da casa explicita no exterior da proposta, foi consequência do projeto como também do gosto pessoal do cliente.

### 3.2. Individualidades

Após o experimento da melhor solução de implantação para o um maior aproveitamento do terreno, a organização interior deve responder à relação do habitante com a natureza. O planeamento interior deverá ser uma continuação da sua envolvente mais próxima.

*“A coisa principal da casa é a porta, mais do que a janela porque não tem peitoril: só um degrau de poucos centímetros para o mundo ou para fugir ao mundo (sempre se pode fechar a porta ou não a abrir ou escancarar as folhas da porta)”<sup>70</sup>*

---

70 VIEIRA, Álvaro Siza, *01 Textos*, 2009, página 349.



Fig. 34 - Corte BB. Escala 1/100  
(ver á escala 1/50 em anexo)

Numa fase inicial da proposta, a abertura de vão era algo que se tinha de ter em consideração, pois não poderia pôr em causa o que acima foi dito. Com isto, o melhor enquadramento para esses vãos tinha de justificar a sua abertura, não desvirtuando a casa como um refúgio, na qual a ligação com o local tem de ser muito forte. Neste sentido a porta de entrada, o primeiro grande vão a ser tratado na casa, deve ser tratada como peça que não se denuncie facilmente. Neste caso, tal como o arquiteto Álvaro Siza Vieira pensou no projeto da Casa Alves Costa, o mesmo acontece aqui. É criado um percurso que nos leva até ela, mas que pelo seu desenho, obriga a seguir o trajeto idealizado pelo arquiteto, possibilitando o olhar para o caminho que até então foi feito. Na proposta apresentada não interessa apresentar argumentos de que a porta não está virada para a rua para filtrar os olhares de outras pessoas, pois a distância desta para a rua é muito razoável, mas dar a entender que existe algo para além daquelas paredes quase cegas. A opção para o que foi idealizado tem como característica informar inconscientemente o habitante de que aquela proposta é o seu refúgio.

Entrando na casa, percebemos que o hall é marcado por um volume piramidal com uma luz zenital. Esse volume, muito expressivo no seu exterior como no interior marca o elo de ligação entre duas importantes zonas da casa. A configuração do mesmo rege-se por aberturas estratégicas que não denunciam ou não invadam a privacidade do resto da casa. Agregado a esse espaço de entrada está presente uma área multiusos que tanto pode servir como sala de jogos, como também pode servir para ser um pequeno escritório ou mesmo de quarto. Apesar de estar localizado no volume que se destina ao usufruto privativo, esta serve de mediador á privacidade da casa, sendo mais um obstáculo que distraia os olhares indesejados.

À medida que vamos percorrendo o volume baixo e comprido na área privada, o espaço fica cada vez mais privado, aí situando-se a área de dormir. Nesse setor da casa, tomou-se especial atenção aquando da abertura de vãos, cujas dimensões são reduzidas. Neste setor da casa, cada abertura tem como objetivo valorizar o espaço onde esta se encontra. Com isto, chegando a um pequeno átrio que antecede os quartos, a presença de uma grande janela ajuda a marcar o espaço como permite-lhe dar continuidade para o exterior, tornando-o visualmente maior. Este vão, direcionado para o centro de implantação da casa, não confere o tratamento que justifique a privacidade do individuo, pois este encontra-se aberto para dentro da proposta. Passando para os dois primeiros quartos cuja área é considerada muito privada, as aberturas tiveram de ser estudadas de modo que permitisse a entrada da luz natural para que consequentemente iluminasse as alcovas. Teve-se a particular atenção de que a privacidade do espaço não poderia ser posta em causa, por isso a reduzida dimensão de cada vão para o exterior. Assim, a abertura restringe-se a uma pequena área que está em contacto com a plataforma da cama (fig.34), transpondo uma continuação do interior para o exterior, mostrando o diálogo pleno entre plataforma de dormir, janela e paisagem em frente. Com esta pequena área de janela juntamente com o grande afastamento da proposta da rua, a privacidade não é posta em causa, ficando contida dentro daquelas “quatro paredes”. O aparecimento das plataformas ajuda na organização do quarto com também permite criar mais um espaço para arrumação dentro do quarto. Ao mesmo tempo confere a função de assento para os habitantes. A ideia da elevação do piso na zona dos colchões tem como influência do projeto Vill’Alcina, do arquiteto Sérgio Fernandez. O elevar toda a

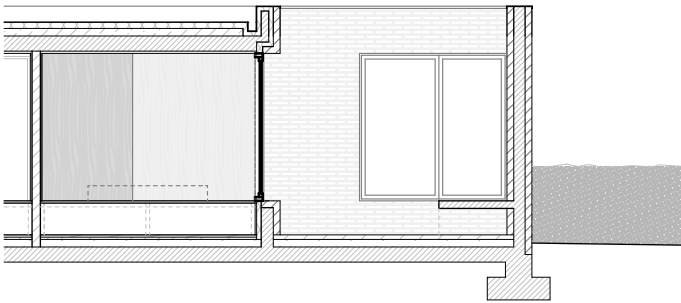


Fig. 35 - Corte DD. Escala 1/100 (ver á escala 1/50 em anexo)

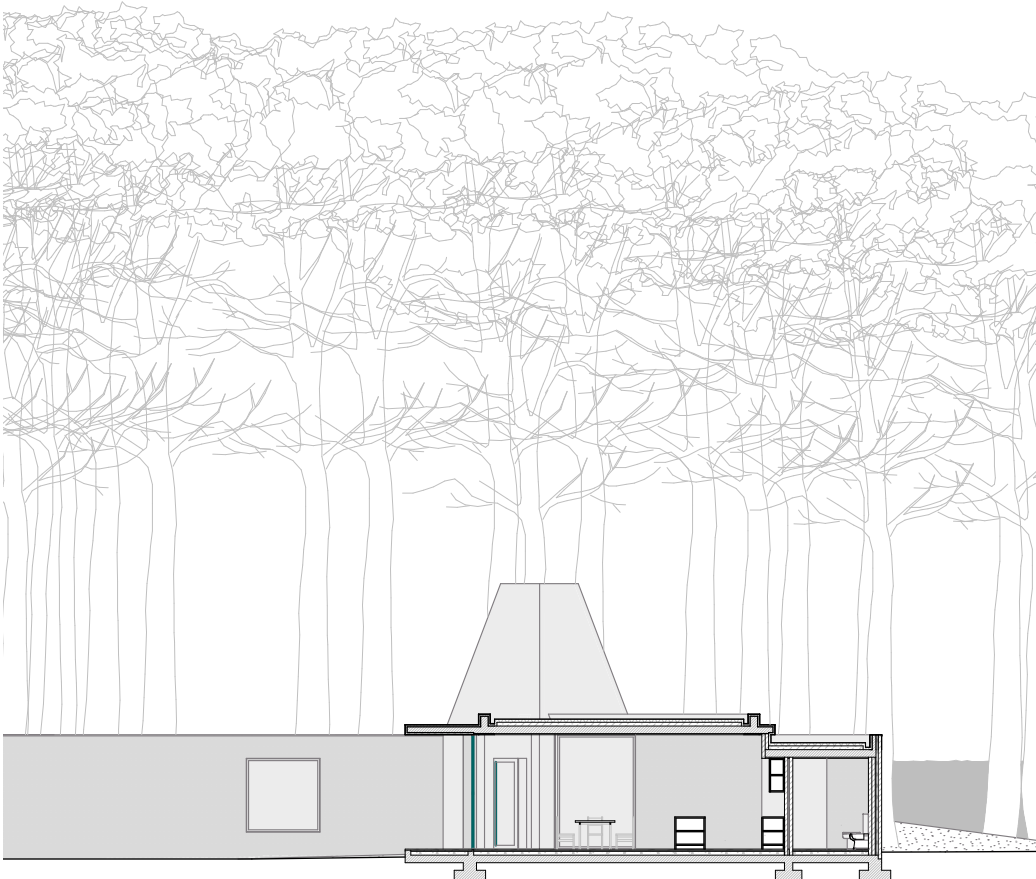


Fig. 36 - Corte CC. Escala 1/200 (ver á escala 1/100 em anexo)

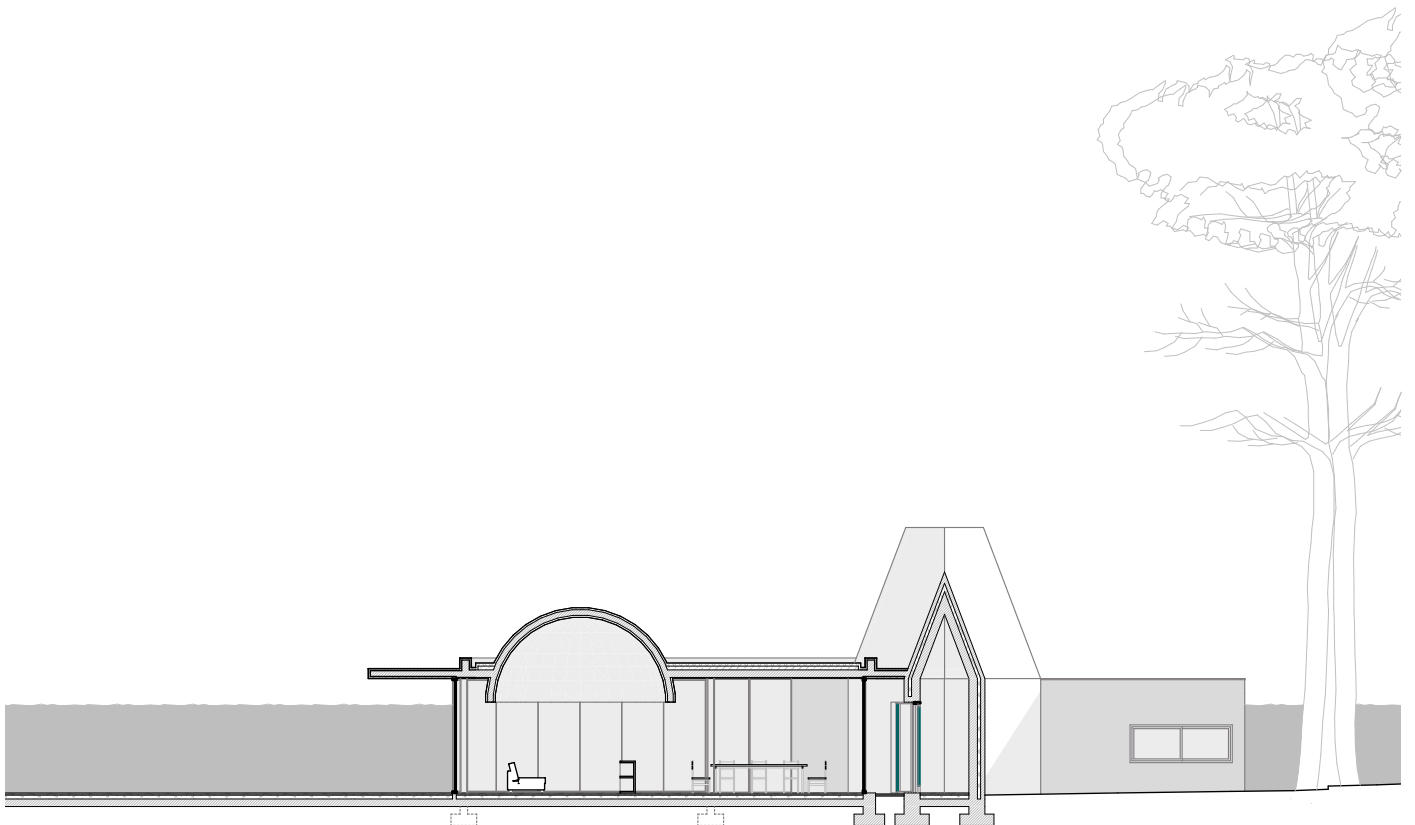
zona da cama possibilitou criar um objeto que aglomera várias funções dentro do quarto, permitindo uma maior clareza e simplicidade do espaço. Os quartos tomam dimensões adequadas para a o programa que é imposto e complementam-se todos com uma casa de banho privada.

No entanto, uma das alcovas destaca-se pela sua grande área. É pretendido que exista um quarto considerado como principal; por isso, o seu destaque a nível do desenho foi tido em conta. Este, por sua vez, comporta dimensões mais avantajadas tanto na parte de dormir como nos equipamentos de apoio. Juntamente a esta lógica de valorização, é incorporado um pátio agregado à suite principal (fig.35) permitindo uma maior valorização daqueles espaços como também a ventilação dos mesmos. A presença daquele espaço permite a continuidade do interior para o exterior contido. A continuidade é dada visualmente pelo seu grande vão, como também pelo mobiliário empregue na casa de banho. A banca existente dentro da casa de banho que suporta a pia e uma banheira, continua para o exterior em forma de banco, valorizando ainda mais aquele espaço. A divisão da casa de banho está assente na organização de uma zona de relaxamento aberto para um espaço privado aberto e uma zona de cariz muito privado que contem o resto da loiça existente numa casa de banho. Apesar da privacidade destes espaços estar assegurada, a lógica de quanto mais fechado a área for mais privada a área é, aqui o seu significado é muito expressivo. Esta lógica está presente por toda a habitação. A existência do pátio também permite o remate da sucessão de alcovas postas umas ao lado das outras, ajudando a uma leitura simples e clara do volume privado pelo seu exterior.

Por outro lado, a área de sociabilização é totalmente o oposto da anterior descrita. Esta é definida por uma simples lâmina para comportar atividades distintas dos outros espaços da casa. Este espaço, sendo de cariz mais social tende a ser completamente aberto para seu o exterior. Os grandes vãos que contém, permite em primeiro lugar, um maior proveito da luz solar e, por outro lado, uma maior comunicação com envolvente, usufruindo da vista que tem sobre o rio.

A sua organização devém da aglomeração de todos os serviços num dos cantos da proposta, libertando o resto da área interior para distribuição dos espaços de estar e de jantar. A existência de uma casa de banho de apoio à sala vem como ideia de não se evidenciar no volume (fig. 36). A localização num lugar estratégico tende a não prejudicar a leitura do restante espaço. Essa casa de banho comporta, num primeiro momento, a função de lavandaria e zona de lava mãos. Posteriormente, dividida da lavandaria, encontra-se o restante serviço que deve comportar um WC. Para amenizar a passagem para a área anteriormente enunciada, é criada uma cozinha para apoio à habitação. Para rematar o espaço de cozinha e fazer a transição tanto para a sala de estar como a sala de jantar, é colocado um elemento para aquecer a casa nos dias de inverno. Este elemento localizado na mediação entre as duas salas e a cozinha é a rotula para a circulação entre os vários espaços. Os serviços nesta zona da casa diferenciam-se dos restantes pela sua materialidade. Estes espaços comportam materiais mais pesados e opacos, enquanto a sala é projetada com vão em todo o seu perímetro.

Fig. 37 - Corte AA. Escala 1/200 (ver á escala 1/100 em anexo)



A individualidade dos espaços também está presente neste setor da casa. Estes são projetados para funções distintas. Nisto, deve-se fazer um pequeno apontamento na cúpula existente na sala de estar (fig. 37), marcando o espaço de maior interação e relevância da casa. Por isso, a sala situa-se na extremidade da lamina, podendo se abrir para a paisagem, tendo uma continuidade do piso que finaliza quando encontra o rio. Este é considerado o ponto de maior sociabilização no interior da habitação e de maior interação com a envolvente.

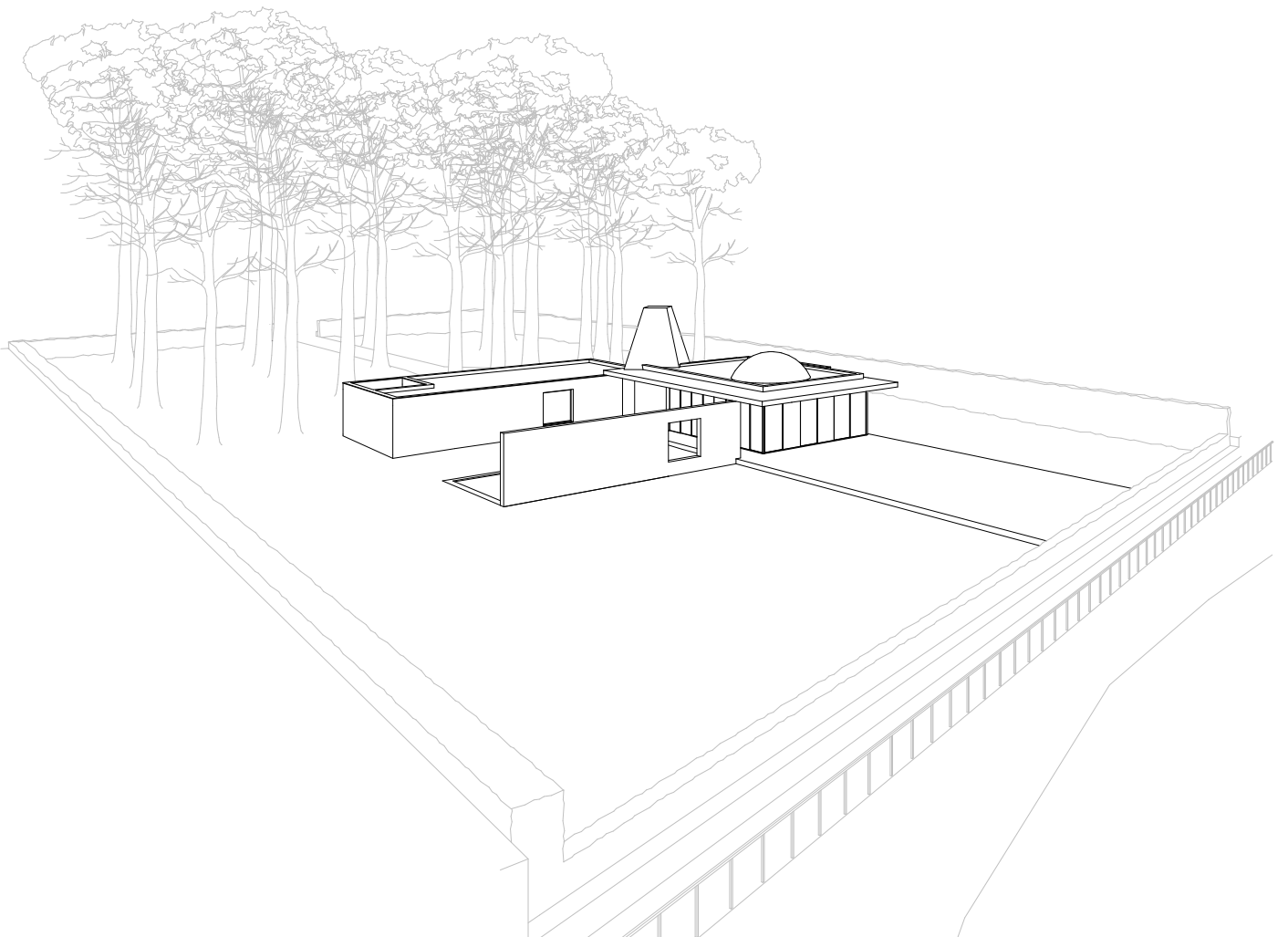


Fig. 38 e 39 - Cortes perpétuados.





Fig. 40 - Axonometria final da casa do Pinhal.



## 4. Conclusão



*“Em todos os projetos há condicionantes, mas é um bocado diferente quando projetamos para nós próprios. Não é a mesma coisa.”<sup>71</sup>*

Utilizando este pequeno excerto do livro *A casa de quem faz casas*, numa entrevista ao arquiteto Sérgio Fernandez, relato como difícil foi conseguir chegar a uma proposta que respeitasse os meus pensamentos nos momentos em que estava a pensar no projeto, ao mesmo tempo que este tinha de se enquadrar com o local. Este trabalho revelou que, por mais simples e clara que se pareça a proposta, o aparecimento de inúmeras ideias diferenciadas não ajuda na execução da proposta. Tendo sido um projeto pessoal, o querer superar as minhas expectativas e tornar esta habitação como única, a meu ver, levou a que se tornasse um pouco difícil a chegada a uma proposta concreta. Os grandes pilares que auxiliaram o projeto foram estar ciente das principais características que a habitação deveria ter para conseguir responder à minha necessidade.

Quando se trata de uma proposta que se insere no meio da natureza, olhei para essa casa como um objeto isolado que se vai completar com a envolvente, tal como o arquiteto Alcino Soutinho usou na habitação que projetou também para Ofir. Numa análise ao local da proposta, foi determinante conseguir agarrar-nos a certas condicionantes que já vinham de um plano organizador da zona de Ofir, do século XX. Recorrer a uns dos primeiros planos para a zona de Ofir, auxiliou-nos na realização desta proposta, tendo “pistas” acerca do que se deveria fazer naquela época. Com isto, os objetivos principais ficaram mais claros a partir de uma base segura já estudada.

Desde o início, e com um olhar para esta habitação como um objeto, adquirimos uma consciência de que tínhamos uma maior liberdade para experimentos. Neste caso, em que a obra é vista como um objeto singular, ajudou a entender que neste tipo de situações, o arquiteto privilegia o campo da experimentação. *“Desde sempre campo experimental de eleição para os arquitetos, laboratório a pequena escala permitindo investigações ao nível da aplicação de novos materiais ou tecnologias, propostas de outros modos de vida com diferentes espacialidades, a moradia individualizada, para os arquitetos mais jovens, a ocasião privilegiada para as afirmações de linguagem ou de tendência que se podem realizar de imediato e publicar a seguir.”<sup>72</sup>* Conseguir fugir ao vulgar, como a proposta permite, é tema de desenho por toda a habitação.

Apropriando-nos da volumetria estudada, chegou o momento de conseguir uma maior privacidade por todo o terreno, pois a sua localização é propícia. A exploração deste tema é uma das grandes diferenças entre o contexto da habitação sazonal, inserida no campo, da habitação do fórum permanente. Num contexto de cidade, a privacidade começa na porta de entrada de casa e é contida só no seu interior, podendo ser afetada por pequenas aberturas viradas para outras habita-

---

71 Sérgio Fernandez citado por Maria Milano e Roberto Cremascoli - MILANO, Maria e CRES-MASCOLI, Roberto, *A casa de quem faz casas: Sérgio Fernandez. Um Espaço de liberdade*, 2016, página 37,

72 TOSTÕES, Ana, *Os Verde Anos na Arquitetura Portuguesa dos anos 50*, 1997, página 52.

ções. Nesse mesmo meio, o olhar indesejado por parte dos vizinhos é inevitável pois, as habitações estão relativamente próximas. No entanto, o campo permite que esses tipos de situações sejam muito subjetivos, o que possibilita uma maior libertação do indivíduo pelo terreno. Neste caso, procura-se uma maior relação com a natureza.

Esta habitação sazonal permitiu que toda a parte mais direcionada à vida social fosse completamente aberta para a sua envolvente. No entanto, a parte privada tornou-se ainda mais fechada para si mesmo. Permite um momento de introspeção por parte do habitante. Estas diferentes zonas permitem uma maior variedade espacial como emocional, ao mesmo tempo que não se atropelam visualmente. Cada parte da casa individualiza-se e enquadra-se para sítios completamente distintos, possibilitando diferentes variações paisagísticas no seu interior.

Pode-se concluir que este tipo de habitação, em contextos muito específicos, oferece uma grande liberdade ao arquiteto, para a exploração do local através do desenho. Possibilitou o aparecimento de formas, ideias e temas que numa habitação dita comum não era potencialmente aceite devido às suas complexidades. Ao habitante permitiu o apelo ao lado sensorial através do seu contexto cénico.

*“A casa de veraneio ou de fim-de-semana, destinada a pequenas estadias, diferencia-se da vivenda de sentido urbano por não se tratar de uma residência de permanência, por isso com um programa de maior simplicidade ao mesmo tempo que se procura, como objetivo primeiro, a integração na Natureza, valorizando o sentido de sítio, genius locci. ... interessantes manifestações arquitetónicas na procura desse modelo de casa mínima como novidade programática... Procura-se redescobrir um intimismo vivencial que a arquitetura funcionalista despreza e uma integração no local com valor de naturalidade...”<sup>73</sup>*

---

73 Idem, página 66.

## 5. Índice de Imagens

**fig. 1 - PDM de Esposende, Vias de Comunicação Principais.**

Fonte: Sampaio, Joaquim Oliveira Martins, “*A Residência Secundária em Esposende*”, 1998, página 8.

**fig. 2 - Esposende, Mancha Habitacional.**

Fonte: Sampaio, Joaquim Oliveira Martins, “*A Residência Secundária em Esposende*”, 1998, página 9.

**fig. 3 – Pátio principal da Casa de Ofir juntamente com a parte privada e social da habitação.**

Fonte: <https://ofhouses.com/post/173757312232/549-fernando-t%C3%A1vora-casa-dr-fernando-ribeiro>

**fig. 4 – Planta da Casa de Ofir, Fernando Távora.**

Fonte: <https://arquivoatom.up.pt/index.php/why-sfhs-3354>

**fig. 5 – Sala de estar da Casa de Ofir.**

Fonte: <https://ofhouses.com/post/173757312232/549-fernando-t%C3%A1vora-casa-dr-fernando-ribeiro>

**fig. 6 – Vista da entrada da Casa de Ofir.**

Fonte: <https://ofhouses.com/post/173757312232/549-fernando-t%C3%A1vora-casa-dr-fernando-ribeiro>

**fig. 7 – Corte/Alçado Casa de Ofir.**

Fonte: <https://www.clararesende.pt/documentos/index/umartista/ferntavora.pdf>

**fig. 8 – Planta da Casa Alves Costa.**

Fonte: <https://i.pinimg.com/originals/aa/e5/ba/aae5ba21b535938bdb5d7afb59e521b9.jpg>

**fig. 9 – Vista da entrada da Casa Alves Costa.**

Fonte: [http://olhararquitectura.blogspot.com/2011/06/casa-alves-costa-moledo\\_6452.html](http://olhararquitectura.blogspot.com/2011/06/casa-alves-costa-moledo_6452.html)

**fig. 10 – Vista do alçado interior da Casa Alves Costa.**

Fonte: [http://olhararquitectura.blogspot.com/2011/06/casa-alves-costa-moledo\\_6452.html](http://olhararquitectura.blogspot.com/2011/06/casa-alves-costa-moledo_6452.html)

**fig. 11 – Sala de estar.**

Fonte: [https://unoesningu.wordpress.com/2014/09/26/siza\\_casa-para-alves-costa-moledo/](https://unoesningu.wordpress.com/2014/09/26/siza_casa-para-alves-costa-moledo/)

**fig. 12 – Vista da Cobertura da entrada da Vill’Alcina.**

Fonte: <https://www.atlasofplaces.com/architecture/villalcina/>

**fig. 13 – Planta da Vill’Alcina.**

Fonte: <https://www.atlasofplaces.com/architecture/villalcina/>

**fig. 14 – Vista da cozinha para a sala de estar juntamente com o corredor de acesso às alcovas, que marca a curva de nível que ancorou o projeto.**

Fonte: <https://www.atlasofplaces.com/architecture/villalcina/>

**fig. 15 – Corredor de distribuição para as alcovas.**

Fonte: <https://www.atlasofplaces.com/architecture/villalcina/>

**fig. 16 – Alcovas da Vill'Alcina.**

Fonte: <https://www.atlasofplaces.com/architecture/villalcina/>

**fig. 17 – Vista do exterior da casa.**

Fonte: Cremascoli, Roberto, “*Arquitetos Portugueses, Alcino Soutinho*” – In: série 2, número 1, 2013, página 38.

**fig. 18 – Plantas dos pisos e cobertura.**

Fonte: <https://www.tumgir.com/tag/Alcino%20Soutinho>

**fig. 19 – Interior da casa – abertura entre espaços no rés do chão.**

Fonte: Cremascoli, Roberto, “*Arquitetos Portugueses, Alcino Soutinho*” – In: série 2, número 1, 2013, página 40.

**fig. 20 – Cortes da Casa Pinto de Sousa.**

Fonte: <https://www.tumgir.com/tag/Alcino%20Soutinho>

**fig. 21 – Implantação.**

Fonte: RUBIO, José Miguel, TC CUADERNOS, MENOS É MAIS, Francisco Vieira de Campos e Cristina Guedes, *Arquitetura 2000 – 2013* – nº 111, 2013, página 44.

**fig. 22 – Planta piso dos quartos.**

Fonte: RUBIO, José Miguel, TC CUADERNOS, MENOS É MAIS, Francisco Vieira de Campos e Cristina Guedes, *Arquitetura 2000 – 2013* – nº 111, 2013, página 45.

**fig. 23 - Planta piso da sala.**

Fonte: RUBIO, José Miguel, TC CUADERNOS, MENOS É MAIS, Francisco Vieira de Campos e Cristina Guedes, *Arquitetura 2000 – 2013* – nº 111, 2013, página 45.

**fig. 24 - Vista de piso da zona social da casa.**

Fonte: <http://menosemais.com/conteudo/casa-de-ofir>

**fig. 25 - Implantação da casa de Afife.**

Fonte: <https://www.archdaily.com/77429/house-in-afife-nuno-brandao-costa>

**fig. 26 – Planta rés do chão.**

Fonte: <https://www.archdaily.com/77429/house-in-afife-nuno-brandao-costa>

**fig. 27 – Planta piso 1.**

Fonte: <https://www.archdaily.com/77429/house-in-afife-nuno-brandao-costa>

**fig. 28 - Vista do volume principal.**

Fonte: <https://www.archdaily.com/77429/house-in-afife-nuno-brandao-costa>

**fig. 29 – Localização.**

fonte: <https://www.municipio.esposende.pt/pages/1114>

**fig. 30 – Implantação. Escala 1/1000.**

Fonte: Autor.



**fig. 31 – Corte longitudinal pelo terreno. Escala 1/1000.**

Fonte: Autor.

**fig. 32 – Planta Cobertura. Escala 1/500**

Fonte: Autor.

**fig. 33 – Planta Piso. Escala 1/500.**

Fonte: Autor.

**fig. 34 – Corte BB. Escala 1/100.**

Fonte: Autor.

**fig. 35 – Corte DD. Escala 1/100.**

Fonte: Autor.

**fig. 36 – Corte CC. Escala 1/200.**

Fonte: Autor.

**fig. 37 – Corte AA. Escala 1/200.**

Fonte: Autor.

**fig. 38 e 39 - Cortes perspectivados.**

Fonte: Autor.

**fig. 40 - Axonometria final da casa do Pinhal.**

Fonte: Autor.

## 6. Bibliografia

## Livros

- COSTA, Alexandre Alves, *Só nós e santa tecla: a casa de caminha de Sérgio Fernandez*, Porto, Dafne Editora, 2008.
- LOPES, Carlos Nuno Lacerda, *Arquitetura e modos de habitar: conversa com arquitetos/ Alcino Soutinho*, Porto, Edições CIAMH, 2012.
- MONTANER, Josep Maria, *A Modernidade Superada: arquitetura, arte e pensamento do século XX*, 1ª edição, Barcelona, Gustavo Gili, 2001.
- NEVES, José Manuel das, *Atelier 15: Alexandre Alves Costa, Sérgio Fernandez*, Lisboa, Uzina Books, 2014.
- PESSOA, Fernando, *Poesia de Álvaro de Campos*, Lisboa, Editora Ática, 1993.
- ROUILLARD, Dominique, *Le Site Balnéaire*, s.l., Pierre Mardaga éditeur, 1984.
- TÁVORA, Fernando, *Da Organização do Espaço*, 6ª edição, Porto: Faculdade de Arquitetura da universidade do Porto, 2006.
- TÁVORA, Fernando; TOUSSAINT, Michel; SOUSA, Rui Morais, *Casa de Férias em Ofir = Summer House at Ofir: 1957-1958*, Lisboa, Blau, 1992.
- TRIGUEIROS, Luiz, *Fernando Távora*, Lisboa, Blau, 1993.
- TOSTÕES, Ana, *Os Verdes Anos na Arquitetura dos anos 50*, 2ª edição, Porto, Faup Publicações, 1997.
- TRIGUEIROS, Luiz; BARATA, Paulo Martins, *Álvaro Siza: 1954-1976*, Lisboa, Blau, 1997.
- VIEIRA, Álvaro Siza, *01 Textos*, Porto, Civilização, 2009.

## Dissertações

- BRIZ, Maria da Graça Fernandes Pestana dos Santos Gonzalez, *A Vilegiatura Balnear Marítima em Portugal – 1870-1970: Sociedade, Arquitetura e Urbanismo*, Dissertação de Doutoramento em História da Arte Contemporânea, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa, 2004.
- CLEMENTINO, Luísa Lopes Ribeiro Ramos, *Fernando Távora – De o Problema da Casa Portuguesa ao Da Organização do Espaço*, Dissertação de Mestrado em Arquitetura, Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2013.
- MARTINS, Luís Paulo Saldanha, *Lazer, Férias e Turismo na Organização do Espaço Noroeste de Portugal*, Dissertação de Doutoramento em Geografia Humana-Ordenamento Territorial, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1993.
- MEIRA, Silvana Liquito, *A Evolução do Traçado Urbano – Esposende. Cidade Expandida e Consolidada*, Dissertação de Mestrado no Âmbito do Curso de Estudos Pós-Graduados Geografia Humana Território e Desenvolvimento, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2008.
- NUNES, João Luis Manso, *Arquitetura do Lugar – Estudo comparativo de duas casas de Álvaro Siza e Luigi Snozzi*, Dissertação de Mestrado em Arquitetura, Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2013.
- SAMPAIO, Joaquim Oliveira Martins, *A Residência Secundária em Esposende*, Dissertação de Mestrado em Geografia, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1998.
- SOARES, Ana, *Arquitetura de Representação e Liberdade - Os Paços do Concelho de Alcino Soutinho*, Coimbra, Dissertação de Mestrado em Arquitetura no Departamento de Arquitetura Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2016.

## Revistas

CRESMASCOLI, Roberto, *Arquitetos Portugueses, Alcino Soutinho* – In: série 2, número 1, 2013.

MILANO, Maria e GREMASCOLI, Roberto, *A Casa de quem faz Casas – Alexandre Alves Costa. Os Verdes Anos*, Matosinhos, Cardume Editores Lda, 2016.

MILANO, Maria e GREMASCOLI, Roberto, *A Casa de quem faz Casas – Álvaro Siza. Dar forma a um lugar*, Matosinhos, Esad Idea e Cardume Editores Lda, 2016.

RUBIO, José Miguel, *MENOS É MAIS, Francisco Vieira de Campos e Cristina Guedes, Arquitetura 2000 – 2013*, TC Cuadernos, Valencia, Ediciones Generales de la Construcción, nº 111, 2013.

TOSTÕES, Ana – *Um composto e uma mistura: Homenagem a Fernando Távora*, In *Jornal de Arquitectos*, nº 220-221, 2005.

## Entrevista

**O edifício tem conceitos adjacentes.** Alcino Soutinho, entrevista a Manuel Graça Dias na RTP 26.05.1993. Nome da série: Magazine de Arquitetura e Decoração. - <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/alcino-soutinho/>

## Websites

<https://ofhouses.com/post/173757312232/549-fernando-t%C3%A1vora-casa-dr-fernando-ribeiro>

[https://issuu.com/fundacaomarquesdasilva/docs/alcino\\_soutinho\\_uma\\_apresentacao](https://issuu.com/fundacaomarquesdasilva/docs/alcino_soutinho_uma_apresentacao)

<http://habitacaopintosousa.blogspot.com/>

<http://menosemais.com/conteudo/casa-de-ofir>

<https://www.archdaily.com/77429/house-in-afife-nuno-brandao-costa>

<https://www.municipio.esposende.pt/pages/1114>

<https://www.atlasofplaces.com/architecture/villalcina/>

<https://arquivoatom.up.pt/index.php/why-sfhs-3354>

<https://i.pinimg.com/originals/aa/e5/ba/aae5ba21b535938bdb5d7afb59e521b9.jpg>

[http://olhararquitectura.blogspot.com/2011/06/casa-alves-costa-moledo\\_6452.html](http://olhararquitectura.blogspot.com/2011/06/casa-alves-costa-moledo_6452.html)

<https://www.tumgir.com/tag/Alcino%20Soutinho>



## 4. Anexos



